

Dezembro de 2025

número 4
ano 16

RelevO

Periódico literário
independente feito
em Curitiba-PR desde
setembro de 2010



ISSN
2525-2704



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS R\$ 6.785

R\$ 30 Samya Bianka Oliveira; **R\$ 70** Emerson Penha; **R\$ 80** Alexandre Araujo; Emily Maciel; Mila Cassins; Indaletes Correia; Márcio Berclaz; Pedro Luz; Amanda Vital; Rodrigo Madeira; Bolívar Escobar; Ana Clara; Reinaldo André Colini Chandia; Claudio Parreira; Marcos Antonio Teixeira; Maria Raquel Garcia; Marcelo Wilinski; Priscila Nogueira Branco; Flanarte Livraria; Ivo Korytowski; Kleber Bordinhão; José Marcos Lopes; Gabriel Ferreira; Nossa Sebo Londrina; Anthony Portes; Otto Winck; Érika da Silva Santos; Pedro Anselmo Carvalho Neto; Juliane Knopik; Ana Heloísa Cordeiro; Heloísa Barros; Graziela Pachane; Gilberto Marques; Isabella Ferraz; Rodrigo Kmiecik Passos; Marcos Antonio Teixeira; Maria Tereza Piacentini; Ivana Mayrink; Caira Lima; Camila Abrão; Betina de Tella; Nelson Albuquerque Junior; Ben-Hur Demeneck; Miguel Angelo Manassés; William Soares dos Santos; Rita de Cassia Cassitas; Dinovaldo Gilioli; **R\$ 120** Vitor Menezes; Carlos Henrique dos Santos Pinto; Rubervam Nascimento; Marco Antonio Milani; Sandra Acosta; Mauri König; **R\$ 125** Bianca Madrona; **R\$ 160** Luis Felipe Mayorga; Rozana A. Gastaldi Cominal; Jordana de Sena Campos; Roberto Dutra Junior; Vera Lúcia Pinto; Luiz Fernando Borges; **R\$ 200** Juarez Cognato; Rômulo Cardoso; Lucas Scandura; Paulo Lacerda; **R\$ 240** Damaris Pedro.

ANUNCIANTES R\$ 1.990

R\$ 50 O Alienígena da Amazônia; Rede Macuco; Nostalgia Sebo e Livraria; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; Dito & Escritos; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; André Giusti; **R\$ 200** Editora Litteralux; Flávio Sanso; Hecho por Cami; **R\$ 300** Gabriel Silveira; **R\$ 450** Maniacs.

CONSULTORIAS R\$ 400

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMI. E VARIÁVEIS		CUSTOS FIXOS		
Correios R\$ 3.225	Transporte R\$ 200	Gráfica R\$ 2.830	Escritório R\$ 300	Serviços gráficos R\$ 450
Domínio mensal R\$ 600	Papelaria R\$ 0	Serviços editoriais R\$ 250	Editor-assistente R\$ 450	Serviços logísticos R\$ 250
		Mídias sociais R\$ 650	Colaboradores de novembro R\$ 600	Editor-executivo R\$ 0

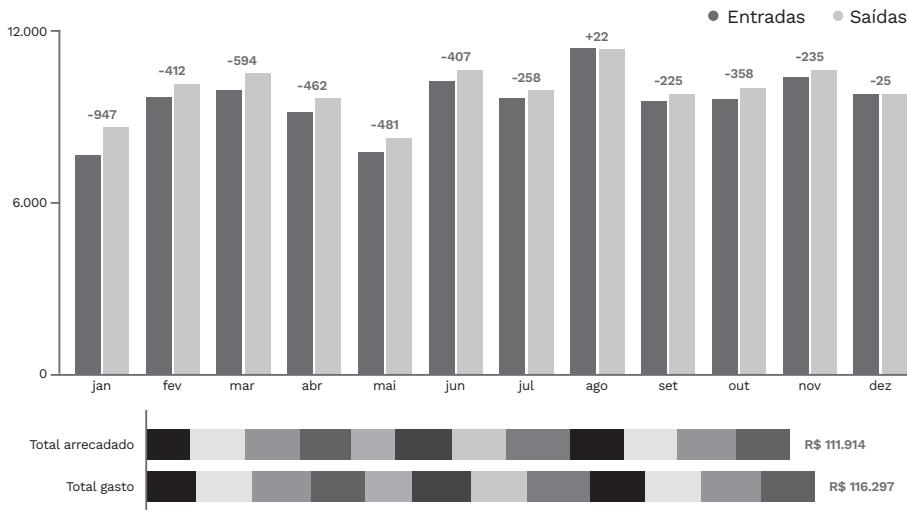
RESULTADOS DO MÊS

Entradas totais: R\$ 9.525

Saídas totais: R\$ 9.550

Resultado operacional: R\$ -25

RETROSPECTIVA 2025



Balanço de 2025 R\$ -4.383,00



EXPEDIENTE

Dezembr 2025



ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.



PUBLICUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publicue.

CONSELHO EDITORIAL

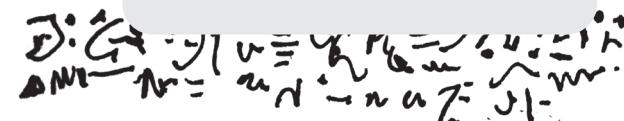
Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em
29 de novembro de
2025.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

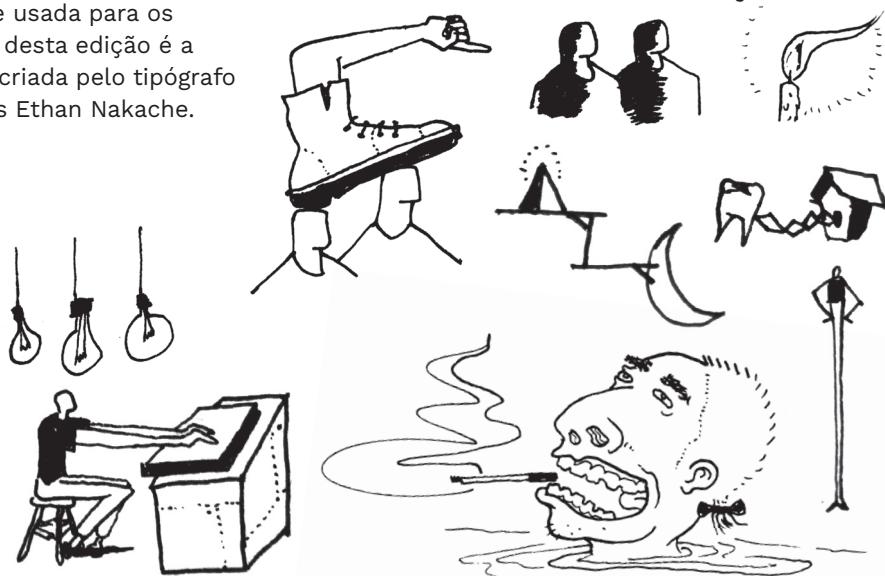


DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Natan Schäfer. Você pode conferir mais do trabalho dele em arquivocontravento@gmail.com.

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Sprat, criada pelo tipógrafo francês Ethan Nakache.





CARTAS

BEIJO NO CORAÇÃO

Milenna · Olá, caros editores. Sou a Millena, do 8º Ano C. Estou achando o Jornal muito legal! Comecei a ler as últimas duas edições na Sala de Altas Habilidades da minha escola. Não somos uma escola de freiras, mas o professor tira todo o conteúdo adulto dos jornais. Ele gostaria de recomendar que o conteúdo adulto fosse colocado nas 4 páginas do meio do jornal que formam uma única folha. Assim seria mais fácil tirar esse conteúdo do jornal e evitar problemas políticos, administrativos e religiosos. O título de um texto publicado em outubro era particularmente interessante: "Seu cu é uma gracinha", mas o professor não deixou a gente ler. Diferentemente dele, eu tenho outra sugestão a fazer: o que vocês acham de propor aos leitores uma competição de xingamentos literários? Muito obrigada pela atenção.

DROGAS? NÃO QUERO CINCO

Michele Dias · Olá, espero que estejam bem! Passando para avisar que eu não recebi minha edição de novembro :(Meu médico cortou meu cafezinho, não me deixem sem meu Jornal também hehehe. Inté!

UPDATE

Michele Dias · Oi, Jornal, tudo bem? Recebi o Jornal e já o devorei :) Obrigada de qualquer forma! Se chegar mais uma, vou deixar em alguma estação de metrô aqui de SP para disseminar a palavra.

Eduardo Moraes · Na semana passada, recebi um envelope pardo recheado com três preciosidades. Não só o esperado RelevO de outubro, mês de início da minha assinatura, mas também os de agosto e setembro. Na hora, só consegui lembrar do Mick Jagger e sua bocarra cantando "Who wants yesterday's papers?" Eu, caraleo! Obrigado pela gentileza! Já estou na expectativa pela edição de dezembro! Atenciosamente.

VINTE E CINCO ANOS DE ENGENHO E ARTE

Pedro Camões · Saudações a partir de Portugal! Quando, nos finais de 2020, comecei, timidamente, a contactar via e-mail algumas editoras no Brasil, admito que estava muito longe de acreditar o percurso que humildemente vim a trilhar em termos literários. Hoje, ¼ de século depois, congratulo-me pelo facto de sentir que, se o caminho se faz caminhando, o esforço não foi em vão. Dentro de algumas semanas, nomeadamente em 2026, atingir-se-á a marca de 25 anos desde que publiquei a minha primeira obra no Brasil. Tal como sempre fiz, faço-o acompanhado daqueles que apreciam a Literatura e a Cultura e que, simultaneamente, têm a gratidão de me estender a mão no sentido de divulgar o que vou fazendo em termos de Escrita. Não tenho redes sociais, e em termos de Média (Imprensa) direciono-me apenas à vertente escrita, por acreditar que um Escritor vive de Letras (as quais transforma em Palavras redigidas), tal como outras Artes se dedicam àquilo com que foram abençoados. Se, da vossa parte, houver disponibilidade e/ou interesse na divulgação destes 25 anos de trabalhos literários em vosso Jornal, será uma incomensurável alegria para

a minha pessoa; caso tal não seja possível, desde já vos agradeço o tempo dispensado na leitura desta missiva electrónica. O tempo não é o que fazemos dele, mas o que "não" fazemos.

UPDATE

Pedro Camões · *Ante scriptum:* Se esta mensagem for enviada por lapso, favor desconsiderá-la. Grato. Como escreveu Confúcio, "Não importa o quanto você vá devagar, desde que não pare". Agradeço o seu silêncio ao meu anterior contacto – isso significa que estou no caminho certo: faço votos de que, daqui a 25 anos, possamos continuar a ter este mesmo diálogo. E que eu, devagar, continue a trilhar o meu rumo. Por seu turno, vossa Excelência, ao seu ritmo, continue no seu. Ambos com saúde e alegria. Felizes e realizados. Votos de um excelente 2026.

DOA-SE UMA ASSINATURA

Edgar Maciel · Já se vão longe as críticas a *Um teto todo seu* ou *Um quarto seu* (Woolf) a despeito de quem é essa mulher retratada, seu lugar na sociedade e na época consideradas. Ponderações consistentes. No Brasil, mais particularmente na São Paulo em seu auge neoliberal, a guerra é ter um teto além do céu naturalmente natural, nem precisa ser todo seu, tão somente um teto debaixo do qual se possa refletir, descansar, escrever e ler. Sim, ler um jornal relevante. Essa anedota é para dizer, caro RelevO, que também busco um teto. Não precisa ser perfeito, pode conter uma mancha escura sobre a tinta alva, nem precisa ser todinho meu, um abrigo. Como desconheço meu paradeiro, sugiro/solicito que doe minha assinatura a alguém, já que, se você mantiver o envio, um jornal relevante todinho nosso vai parar no lixo da portaria do prédio. Espero que, num futuro próximo, eu seja um arauto de boas-novas.

Rubervam Nascimento · Caro Jornal, bom dia. Acabo de renovar a minha assinatura para ajudar no patrocínio dos Pontos de Cultura, para mim, por demais necessários, nesses tempos de individualismos neoliberais, capitaneados pelo tal de empreendedorismos de fachada capitalista, de patrões de si mesmos (arrel!). Desculpe-me pelo atraso. Estava no mato, literalmente na selva, portanto, comunicável apenas para animais de voo e passos lentos. Retornei e, apesar dos pesares amplamente divulgados na mídia nossa de cada dia, cada vez mais hegemonicamente, fiquei alegre ao ler o mais recente exemplar do Jornal, com expressiva capa do circo com carrossel de peixes de papel. Mascotes 2.5 está demais, e "Ana Mantéon", da Marieta Amadeo, é um achado precioso. Também adorei a pressa inteligente do ombudsman. Merece atenção duplicada. Só não gostei dos poemas do Vitor Campos Lino, que, embora procure me atualizar em matéria de poesia, não o conhecia. Muito desordenado o seu palavrório, não acha? Pareceu-me interessante *A Boa Lição*. Vou atrás desse livro. Grande abraço, irmãos.

SEU PAI MORTO SERÁ UM ANÚNCIO DE GELADEIRA OU WE ARE THE ROBOTS

Rubens Gomes Correa · Relendo Jamil Senege, me recordo da sua escrita irônica e mordaz, pois o texto

expõe os limites invasivos da publicidade digital em nossa vida cotidiana. A imagem do "fantasma de seu pai anunciando promoções de Black Friday na geladeira" funciona como metáfora potente para o panorama atual, onde a presença da propaganda se torna quase onipresente, perpassando espaços antes considerados íntimos e preservados, como a própria residência e até objetos domésticos essenciais. A crítica que faço aqui, ressalta a mercantilização extrema do cotidiano, simbolizada pelas geladeiras "smart" que deixam de ser meros aparelhos para se converterem em plataformas adicionais de publicidade e vigilância. Esse deslocamento dos anúncios para espaços privados destaca as tensões sociais em torno da intrusão da lógica de mercado, mostrando como tecnologias inicialmente associadas ao conforto se transformam em instrumentos sofisticados de controle e consumo. A referência ao sistema de "planos pagos" e a segmentação entre versões com ou sem anúncios aproxima o texto das discussões sobre a precarização das relações sociais mediadas pela economia digital. Além disso, o texto vem explorar a dimensão ética e afetiva da tecnologia digital, com o exemplo do "avatar" de um ente querido "vivo" integrando-se ao consumo, numa provocação ao imaginário distópico à Black Mirror. Essa figura reflete a inquietação social sobre a instrumentalização da memória e das emoções para fins comerciais, levantando inquietações sobre autenticidade, luto e a mercantilização da existência humana. Em suma, analiso aqui o texto sob o olhar da crítica literária social que expõe as contradições do capitalismo digital, o empobrecimento da experiência humana diante da hipercomercialização e a invasão da publicidade que desfigura a intimidade, que atua como alerta e convite à reflexão crítica sobre o preço que se paga pela conveniência tecnológica e a aparente onipresença dos mecanismos de consumo, propondo uma leitura que transcende a simples descrição e se ancora em uma perspectiva ética e socialmente engajada. Essa crítica dialoga com produções literárias e culturais que problematizam o impacto da publicidade e da tecnologia no comportamento humano, reforçando a importância de cultivar consciência e resistência crítica frente à saturação publicitária e à mercantilização das relações afetivas, isso sem falar de *O Show do Eu: A intimidade como espetáculo*, de Paula Sibilia.

Kitty Yoshioka · A edição de novembro tá ótima! (até onde eu li hahahah) E as ilustrações, belíssimas.

NO CONTRAPÉ

Maria Tereza Piacentini · Não leio o jornal inteiro, mas os teus editoriais sim – são excelentes sob todos os pontos de vista! Mas tempos atrás um detalhe me chamou a atenção: estava "calcanhar de Aquiles", quando deve ser 'aquiles' (mesmo sem os hifens depois do Acordo).

Denise Lipinski · Amo ler e é nostálgico pra mim receber jornal em casa. Louca pra ter mais tempo pra comer chocolate, ler e tomar café. Abraço e bom final de ano!

Jefte Amorim · Assinar o RelevO é uma das

pequenas alegrias da vida caótica: ver impresso como um sonho sério, de um trabalho sério, de quem não se preocupa em se levar a sério.

Matheus Lianda · É um prazer poder colaborar e distribuir pela Bonnie Book Livraria & Café, estou adorando cada edição!

IS Editora · Apoio para o RelevO!

OMBUDSMAN DE NOVEMBRO

Alex Zani · Clímax no vestiário.

Adamastor de Souza Paraíso · Já passei da idade do bom-senso. Honestamente, só ganhei artrite e mau-humor.

Fernanda Bloom · Eu demorei uns meses para assinar aqui porque eu realmente achei que era um erro de leitura meu o valor ser anual. Então quando finalmente exercei minha civilidade cristã e acreditei... nem acredito quando acho o papel pardo na caixa do correio, ha! Divertidíssimo, valeu!

DOS PONTOS DO JORNAL PELO BRAZIL-ZIL

Kave Casa Literária · Você sabia? A Kave Casa Literária é distribuidora oficial do Jornal RelevO. Produzido no Paraná, o periódico é um dos mais relevantes do Brasil no setor de literatura. Retire o seu exemplar aqui na nossa livraria e viva a experiência de folhear um jornal impresso.

Vanessa Fagundes · Só pra registrar que amei a poesia de um texto do Jornal no Substack: "cada edição é também um luto: o texto que não coube, a ideia que não amadureceu, a pressa que deixou cicatrizes e gerou imperfeições claras. Imprimir é registrar erros..."... não é assim a cada dia de nossas vidas? Ainda bem que somos resilientes e teimosamente felizes!

Graziela Pachane · O RelevO publicou alguns textos maravilhosos nessa edição de outubro! Textos de Ewerthon Martins Ribeiro, dois dos quais tomei a liberdade de repostar! O primeiro é lindo, mas o segundo... Física, filosofia e mais o que desejarem em estado puro! Só me fez pensar no que é mover-se no tempo, sem sequer uma vibraçozinha no espaço! Não sei por que pensei em angústia! Apreciem sem moderação!

AMOR COM DOR DA PUBLICIDADE

Guaraci Nanferdes Merhieg · Curioso fico, pois certa feita li numa chamada pra publicação que dispensavam poesias sobre a tristeza de ser poeta, a melancolia de se sentir um "incompreendido" ou algo que o valha, e percebo que a publicidade dos srs. nas redes é, via de regra, baseada em cima de clichês do tipo! Enfim.

Rene Licht · Declaro solenemente que participei do primeiro RelevO Pix Day. Quem não pôde participar, contribua agora, com o RelevO Pix Weekend. Só observem que é "weekend" e não "weakend"... Escrevam o que quiserem. O RelevO é indestrutível.


EDITORIAL

Duzentas formas de estar no mundo



Duzentas edições. Às vezes, quando escrevemos um número assim, grafado com efeito e por extenso, tentamos ampliar seu corpo para que acomode tudo o que não cabe nos contornos de um algarismo. Outras vezes, preferimos nem olhar tão de perto: duas centenas de meses em que um jornal literário independente, de papel, insistente, teimoso, ocupante de espaço no mundo real, conseguiu atravessar o tempo sem interrupções. Em um país com índices de leitura desestimulantes, que cria obstáculos silenciosos e permanentes à formação de leitores, esse feito diz menos sobre a sobrevivência de um impresso e mais sobre a permanência de uma comunidade que insiste em sustentá-lo. Em setembro, o RelevO completou 15 anos: “O caminho é sempre maior que o caminhão”, dizia o Barão de Itararé.

Há quem acredite que números traduzem um trabalho. Não traduzem, mas servem como referência. Eles não revelam as madrugadas de edição, as revisões que se multiplicam, as discussões editoriais, as caixas de arquivo abarrotadas, as dobras de jornal feitas à mão, os improvisos logísticos, o cuidado quase doméstico que um projeto cultural independente exige. Os números não registram o silêncio de quem escreve, o alívio de quem encontra publicação, o entusiasmo de quem abre o envelope. Ainda assim, eles nos ajudam a perceber que algo continua mesmo quando os passos são curtos.

Não é uma conversa sobre estatística, de fato. Nunca foi. Tratamos de continuidade, uma das formas mais exigentes de estar no mundo. Exige um tipo de atenção invisível: a diária, artesanal. Em 15 anos, atravessamos crises culturais, cortes de verba, mudanças de governo, rupturas tecnológicas, cansaços invisíveis. Resistimos ao canto de sereia das plataformas digitais. Reconhecemos que há menos meses de abundância e mais meses de sobrevivência e, ainda assim, manter o gesto. Pouco se fala que a continuidade exige que outras ideias

não saiam do terreno da imaginação, uma vez que continuidade exige foco. Novas ideias podem matar ideias anteriores por falta de energia.

Se chegamos à edição 200 é porque nunca estivemos sozinhos. O RelevO aprendeu a existir porque encontrou colaboradores que confiam, leitores que carregam exemplares para novos leitores, assinantes que financiam o projeto, apoiadores que acreditam na cultura antes dos resultados, voluntários que ajudam sem serem convocados, livreiros que nos acolhem e pessoas que descobrem o jornal nos espaços culturais e nos levam para casa como quem adota um hábito. A continuidade é o nosso manifesto... e a nossa prestação de contas.

O tempo, quando acumulado, não forma apenas um arquivo. Forma um corpo vivo. As 200 edições não são uma coleção de papéis. São um projeto que aprendeu a crescer ao lado das pessoas que o leem. Com o tempo, percebemos que cada edição funciona como uma espécie de parêntese no calendário. A rotina mensal é um eixo. Assim, manter um jornal de papel, mês após mês, é contrariar a lógica da velocidade. É confiar que ainda existem objetos que exigem demora, que pedem cuidado. Um jornal literário não muda o mundo, mas muda as formas de estar no mundo. Acreditamos que a lentidão também produz comunidade e que o encontro entre leitor e página ainda guarda algum segredo intraduzível em estatísticas. Por isso, continuamos e novamente sacamos o Barão de Itararé: “Tudo seria fácil se não fossem as dificuldades”.

Ao chegarmos à edição 200, reafirmamos nosso compromisso com esse modo de existir. Publicar textos que não caberiam em outro lugar, sustentar uma curadoria que desafia a pressa, cultivar uma leitura que pede fôlego, acolher formas de expressão que não se encaixam em algoritmos. Continuar, apesar do tempo, com o tempo, pelo tempo, é o que nos fortalece.

Obrigado por fazer parte dessas duzentas edições. Uma boa leitura a todos. ®



Faça a diferença. Assine este jornal. É muito importante.

www.jornalrelevo.com


APOIADORES


bancatatuí.com.br / Desenho por Ángela León



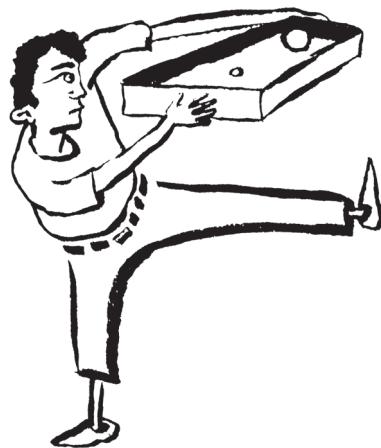
Nostalgia
Sebo e Livraria

@nostalgiaseboelivraria
Cacoal-RO

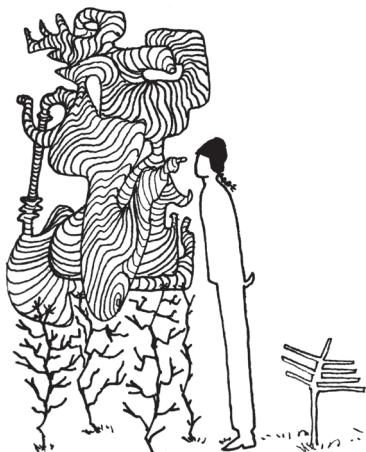




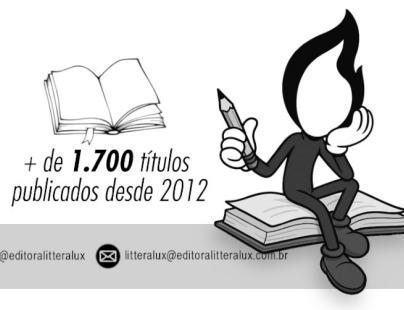
OMBUDSMAN



A coluna do ombudsman Rafael Maieiro não foi enviada à redação até o fechamento desta edição. Preenchemos este espaço com uma importante menção ao jornal humorístico *A Manha* (1926-1960), de Aparício Torelli, mais conhecido como Barão de Itararé, que, aliás, sempre dizia: “Terão que passar por cima de nossos cadáveres, que não são poucos” e “O fígado faz muito mal à bebida”.



Editora
Littera lux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br



Quer publicar com a gente?

Escreva para:

originais@editoralitteralux.com.br

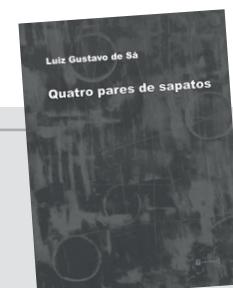


**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOINHOS
.COM.BR

EDITORAMOINHOS



Ao interpellar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadrinharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

A poesia de Luiz Gustavo de Sá interroga, desvia, reinventa, combinando imagens, ritmos e associações inesperadas. Cada eixo do livro abre uma possibilidade de caminhar, seja pelo rastro do cotidiano, pela intensidade do amor, pelo descompasso da modernidade ou pelo assombro diante da natureza. O autor nos convida a seguir por esses caminhos múltiplos não em busca de um destino, mas da surpresa de cada passo, tanto através de terrenos acidentados quanto por jardins de puro lirismo. Depende para onde quisermos ir.

Quatro pares de sapatos
Luiz Gustavo de Sá
R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/



A engenharia de uma carcinização

Bolívar Escobar



Na antologia *Colonialismo de Dados* (2021), os vários artigos reunidos delineiam um escopo muito preciso da forma pela qual uma certa indústria opera: os autores defendem que a extração e uso dos dados dos usuários das plataformas é uma forma de continuação da exploração da margem pelos centros econômicos mundiais, um padrão de acumulação que se renova conforme as tecnologias do digital ganham *momentum*.

Se nos perguntarmos onde, na história da internet, nós estamos, é possível encontrar algumas pistas nas palavras dos pesquisadores que já tentaram se localizar. Segundo Jim Boulton (2014), por exemplo, desde a primeira metade dos anos 2000 a internet atingiu a “maioridade” e entrou na sua era “social”. Para o autor, a prevalência do uso dessa tecnologia se dá pelas ferramentas e instrumentos empregados como métodos de expressão e conexão entre pessoas por meio das plataformas da web 2.0, que oferecem um espaço no qual cada um pode criar e publicar seus conteúdos.

De lá para cá, os efeitos dessa plataformação da experiência digital são explorados constantemente. A professora Beigelman (2021), por exemplo, nos explica como os algoritmos de recomendação do Instagram e do Facebook acabam conduzindo uma operação de “seleção estética” ao reforçar nossas preferências visuais com recomendações de postagens e construção de feed. Com o tempo, nossa atenção acaba capturada por um sistema que ajudou a construir, a partir de escolhas e comportamentos nem sempre conscientes. Letícia Cesarino, em um campo teórico próximo, explora o lado político das estruturas ciberneticas, demonstrando como a construção dos sistemas digitais carrega valores embutidos que favorecem uma ampliação do populismo nas esferas sociais.

O que me chama a atenção, contudo, é a insistência desse modo de uso já tão comprovadamente danoso. As redes sociais parecem ser O Mal, mas, tomando emprestada a expressão de um amigo, seguimos mais firmes do que beliscão de ganso em nosso uso entusiasmado desses serviços. Meu ponto, neste ensaio, é explorar como as redes sociais são uma configuração estética da exploração tecno-colonial a partir de quatro argumentos.

1. Imposição Comunicacional

Antes do iFood, pedir uma pizza demandava um conjunto de técnicas que não envolviam botões em telas ou conexões wi-fi. A abordagem era variada: a partir de um ímã na geladeira, de um flyer guardado em uma gaveta ou de algum outro registro, o contato da pizzaria era traduzido em uma sequência de números que, se corretamente inseridos em uma chamada telefônica, permitiam ao cliente estabelecer comunicação direta com um atendente.

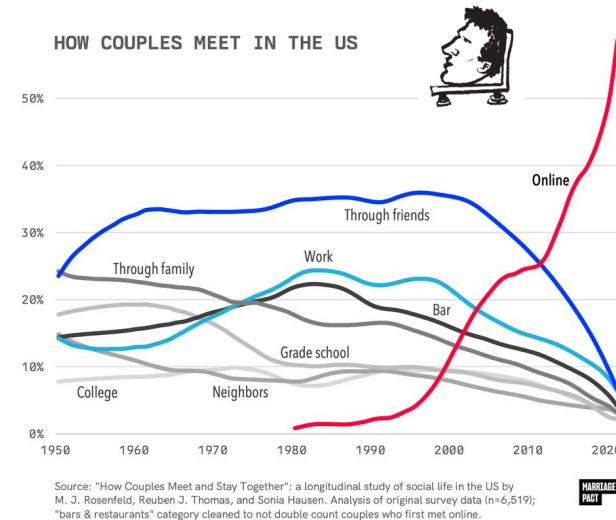
Outros serviços da era pré-internet seguiam padrões parecidos. O iFood é um bom exemplo de tecnologia disruptiva porque altera

um comportamento estabelecido, mas o Uber chama ainda mais a atenção pela violência com o qual foi recebido por parte dos taxistas de cada cidade onde começou a operar. Isso se deveu, principalmente, ao fato do aplicativo representar uma alteração na infraestrutura de transporte dessas cidades.

O que tanto o iFood quanto o Uber fazem se resume a isso: eles buscam substituir essas infraestruturas de serviços a partir das próprias plataformas. A infraestrutura por trás de um pedido de pizza era dispersa, dependia de contatos, telefonemas e da possibilidade do estabelecimento ter um ou mais motoboy contratados. Com o iFood, essa realidade muda e as pizzarias passam a anunciar seus cardápios em um serviço que, em troca de uma taxa, trata da burocracia de colocá-las em contato com os profissionais da logística.

O problema é quando uma pizzaria decide não usar o iFood e descobre que não consegue arrumar tantos clientes quanto a concorrência. Pode ser um cenário estranho para uma pizzaria, mas é o que a realidade vem se tornando para criadores de vídeos, músicos, artistas, escritores e toda uma classe de trabalhadores culturais.

De maneira geral, as redes sociais buscam oportunidades de substituir infraestruturas existentes. Vamos dar uma olhada nesse interessante gráfico sobre a forma pela qual os casais se conhecem nos EUA, dos anos 1950 até agora:



É estranho pressupor a existência de uma “infraestrutura do romance”, mas o gráfico nos sugere algumas pistas para práticas sociais que aconteciam de formas que vem sendo reinterpretadas digitalmente. A infraestrutura-alvo das redes sociais é a da comunicação. Existe uma série de estratégias de relacionamento interpessoal que se tornam mais fáceis e objetivas se a pessoa tem uma boa “presença online”: se ela popula seus perfis com fotos e informações que facilitam identificar seus gostos e preferências ou se ela consegue formar uma rede de outros indivíduos com interesses similares. O que acontecia antes, de forma orgânica e ao

vivo, agora pode ser visualizável, quantificável e naveável pelos computadores, facilitando escolhas e aproximações. “Para quem sabe usar, toda rede social é um Tinder”, diriam alguns.

Ada Palmer (2025) descreve os humanistas do renascimento de um jeito curioso: “um humanista era qualquer pessoa que recebeu uma carta do Erasmo”. Ela chega nessa definição porque outras, como o teor dos seus escritos ou as preferências político-ideológicas, não eram suficientes para estabelecer uma classe de pessoas de forma não-excludente. Mas a partir do momento em que um estudioso da filosofia passava a trocar cartas com seus pares, isso imediatamente o aproximava da categoria acadêmica do humanismo.

A sociedade forma casais por meio de contatos em comum, festas, baladas, grandes reuniões de família. O primeiro casamento a distância foi realizado via telégrafo no século 19! O romance nos ajuda a ver como as redes sociais, mais do que artefatos com finalidades precisas, são mediações que detectam necessidades comunicacionais do público que as habita. Lembremos da funcionalidade de depoimentos do falecido Orkut: um recado que ficava destacado no perfil dos amigos, geralmente de teor lisonjeiro e exaltando as qualidades das pessoas. Muito comum era, também, deixar depoimentos com um “NÃO ACEITA” que precedia o conteúdo, por se tratar de uma mensagem mais íntima, destinada aos olhos certos.

Entender a tecnologia como mediação, e não como ferramenta, é o caminho para percebermos como as redes sociais impõem um regime de cerceamento comunicacional: elas visam se tornar a infraestrutura padrão para transmissões de mensagens. Talvez seja algo muito genérico, mas procurar um emprego significa ter uma conta no LinkedIn; descobrir bares e restaurantes legais é mais fácil pelo Instagram ou TikTok; mandar recados e avisos demanda uma conta no WhatsApp (que tem uma função de stories, então estou tratando como rede social também).

Evitar falar ao telefone tem muito a ver com a saturação dessa tecnologia, hoje tomada pelo telemarketing e pelos golpistas *old school*. Mas há também um entendimento compartilhado de que uma chamada não resolve tão bem quanto um e-mail detalhado ou uma conversa de zap com figurinhas. Nem tanto pela capacidade comunicativa das coisas, mas pelo poder expressivo e pelo hábito formado em torno desses novos métodos. Como mediação das conversas, as redes sociais geram registros e criam identidades: eu sou tudo aquilo que eu posto.

A partir do momento em que uma infraestrutura se estabelece com tamanha incidência, fica difícil nos separarmos dela. Logo percebemos o quanto custoso seria trocar esses sistemas de comunicação por infraestruturas antigas, pois o processo do estabelecimento daquelas pressupõe, por padrão, uma erosão destas. Eles o primeiro motivo para continuarmos adeptos das redes: eu preciso dar uma olhada no que a galera anda postando, senão eu não tenho como saber mais nada sobre a galera³.

A comunicação, entretanto, é um fenômeno. Ela acontece entre as pessoas. Ela tem início, meio e fim. É algo que surge e termina. Justamente por esse caráter etéreo, a comunicação não é suficiente enquanto território de disputa para uma tecnologia.

2. Imposição Espacial

Pesquisa rápida: como você definiria internet? Considerar esse sistema como um mero emaranhado de fios e computadores conectados parece não ser o suficiente. O comum, como resposta, é recorrer a alguma metáfora.



Por um bom tempo na história dessa tecnologia, a internet foi tratada como um “lugar”. Realidade Virtual, Matrix, Ciberespaço: o nome varia. Especialmente entre os anos 1980 e 90, quando os novos displays gráficos começaram a formar um imaginário visual da computação conectada, o discurso da internet enquanto lugar conquistou adeptos. O computador adquire o status de chave de acesso para um mundo além do nosso. Estudiosos como Fred Turner (2006) interpretam esse movimento como uma confluência entre os *technobros* do Vale do Silício e a contracultura norte-americana: o que une esses grupos é essa projeção transcendental da máquina, agora capaz de oferecer um espaço habitável paralelo ao mundo físico, não mais composto por átomos e matéria, mas por bits e ondas eletromagnéticas.

A grande vantagem de usar metáforas é a aproximação que elas promovem entre os conceitos complexos e as imagens com as quais estamos habituados. Encarar a internet como um lugar metafórico nos habilita a popular essa tecnologia com os atributos dos demais “lugares” que conhecemos: rodovias, lounges, parques de diversões, salas de aula, baladas etc. Há, contudo, um catch: a metáfora é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que ela dá forma e abre interpretações para o objeto, ela também lança determinantes aos sujeitos. Logo, se a Internet passa a ser um “lugar”, seus usuários passam a se enxergar como “habitantes”.

As metáforas são recursos poderosos porque, conforme explicam Lakoff e Johnson (2002), nossa linguagem é construída de forma metafórica. Elas ocupam e permeiam entendimentos. A metáfora do lugar está presente em praticamente todos os pontos da experiência online. Um site é um lugar que precisa ser visitado, até o qual nos locomovemos por meio de links ou



direcionamentos. No fundo, sites nada mais são do que diretórios em servidores, mas é muito mais intuitivo entendê-los como localizações em um espaço matemático, que pode ser acessado pelas coordenadas certas.

Essa lógica perpetua-se nas redes sociais, que não apenas oferecem lugares a serem visitados das mesmas formas, mas agora os mapeiam com precisão e oferecem ferramentas fáceis para percorrê-los. Um “perfil” é um lugar decorado conforme nossos gostos pessoais; o mural do facebook (e, posteriormente, a timeline) é um lugar onde encontramos notícias, memes, manifestações políticas – praticamente tudo está ali.

O que sustenta a metáfora é, antes de mais nada, a adesão. Um site, um grupo de Facebook ou um blog não são lugares. Se há um lugar na internet, esse lugar se destina aos gigantescos servidores e seus bunkers; aos cabos submarinos e point-of-presence em prédios; aos modems que transformam ondas de luz em impulsos elétricos entre os capacitores das placas dos nossos computadores. Esses lugares são parte das engrenagens físicas que sustentam o sistema sociotécnico da internet. Já a internet-lugar é uma reificação: uma forma útil de separar o conteúdo digital do nosso mundo e associá-lo às necessidades supridas em outros lugares que são, de fato, lugares.

Qual seria, portanto, o problema de acreditar que a internet é um “lugar”? Meu argumento é que, conforme aceitamos essa definição, estamos incluindo a internet em campos de disputa com outras tecnologias e espaços que se propõem a ser “lugares” para as coisas. Enquanto mediação, a internet-lugar se apropria de ações e interações que antes ocorriam em outros espaços, sejam eles metafóricos ou não. O lugar onde atos políticos aconteciam agora passa a ser a sequência de páginas das redes sociais. O lugar onde o aprendizado acontecia agora passa a ser o player do vídeo na sala de aula virtual. O lugar onde o trabalho era executado agora é o Microsoft Teams. Se há um vitorioso na adesão desta metáfora, é a própria internet: um não-lugar que passa a ser entendido como lugar viável. Por isso, é muito importante para os TUBARÕES da internet, como o dono do Twitter, que continuemos acreditando que estamos ocupando lugares ou habitando espaços enquanto estamos utilizando seus produtos.

Essa imposição espacial é, desta forma, uma segunda frente pela qual as redes sociais se perpetuam. Elas são os novos “lugares”: os espaços de discussão política movem-se das salas e palanques físicos, tão distantes e inacessíveis, para as postagens nas redes; os espaços de romance e encontro movem-se dos parques e das boates, que estão perigosas e custam caro para frequentar, para o Tinder e o Instagram. O primeiro passo para aceitar que esse serviços são lugares nos quais a vida pode acontecer é, de fato, aceitar que é possível que um lugar exista desta forma eletromagnética.

O que nos leva ao terceiro ponto do debate: como a internet legitima os seus espaços como lugares de ação e comportamento válidos?

3. Concretização de Condutas Simbólicas

Nosso uso das redes sociais tende a ser extremamente confessional. Quase como uma manifestação direta do poder pastoral evocado por Foucault, as redes DITAS sociais nos convencem a revelar detalhes íntimos sobre nossas vidas; nos incitam a postar imagens de nós mesmos com nossos nomes reais, revelando nossas conexões próximas da família, do trabalho e dos outros locais de convivência; e nos oferecem ferramentas para aprofundar essas confissões, sugerindo que mais detalhes significam prova de que somos pessoas de conteúdo, sem amarras ou vergonhas.

Conforme essa conduta confessional é exercida, cria-se um sistema simbólico muito poderoso. É pela postagem nas redes, por exemplo, que demonstramos nosso amor: em datas comemorativas, fazer grandes depoimentos e criar memórias digitais em feeds de amigos e seguidores é expressar, pela adesão a esse sistema e seus códigos, uma validação dos nossos sentimentos. Estar presente no Instagram, postando fotos durante datas comemorativas como o Natal, é sinalizar que o Natal ocorreu de fato, que houve uma confraternização da qual a rede social é um registro válido. O mesmo vale para férias, viagens, encontros, congressos acadêmicos. É interessante notar, entretanto, que a via de mão-dupla da mediação tecnológica se manifesta tal e qual nesse contexto: uma validação desses eventos, no ambiente virtual, legitima o próprio ambiente como um aspecto dessas experiências.

“Estar” em uma rede social significa doar-se para a própria rede: compartilhar fatos da própria vida, revelar histórias e segredos, ceder a própria imagem em seus momentos mais expressivos (fotos, vídeos, ideias). Ninguém está isento do sistema simbólico das redes sociais porque ele não é uma engenharia imposta de cima para baixo – vulgo, não há uma ordem expressa de “confesse!” para usar as redes. Esse sistema se articula dialógicamente conforme o cerceamento comunicacional e espacial induzem e orientam seus usuários a explorá-los. Passa a fazer sentido expressar sentimentos e desejos nas redes sociais porque elas criam a ilusão de estarmos entre amigos, próximos das pessoas e em canais seguros pelos quais podemos nos expor. Aqui está o pulo do gato. De fato, confirmadamente, elas são lugares seguros porque incluem diversos mecanismos de privacidade. Podemos fazer denúncias, ocultar perfis, desabilitar comentários, enfim, customizar a rede para nossos gostos. Em resumo, não há conteúdo melhor do que nós mesmos para as plataformas.

A conduta simbólica se estabelece, portanto, de forma orgânica. É um resultado daquilo que gostamos de postar em consonância ao que as redes gostariam que postássemos. Uma coisa fortalece a outra: quanto melhor e mais precisamente as regras simbólicas do mundo real se manifestam nas redes sociais, mais elas ganham legitimidade como parte desse mundo real.

A contrapartida é ainda mais engraçada. É uma lógica simples: se as redes sociais legitimam condutas simbólicas, então é possível aderir a essa legitimação e compreender as regras do

jogo de forma puramente simbólica, sem lastros físicos. Você é tão bom no seu trabalho quanto suas postagens no LinkedIn; você é tão engajado em viver quanto os stories no seu Instagram demonstram; você é tão ativo politicamente quanto sua atuação na linha do tempo registra. A legitimação de uma conduta simbólica, nas redes sociais, ensina fórmulas para estar vivo que podem ser replicadas imediatamente, porque as redes sociais são a nova infraestrutura de comunicação e de ocupação espacial.

4. Reforço Positivo by Design

O objetivo do Instagram não é oferecer uma plataforma para você criar um álbum de fotografias. O objetivo do LinkedIn não é te ajudar a arrumar um emprego. O objetivo do Facebook não é ser um canal de comunicação entre você e seus amigos. Quero dizer, você até pode concretizar esse tipo de ação em tais plataformas, mas é interessante começar a ver esses resultados como efeito colateral, e não como objetivo. O que essas três redes mais querem, na verdade, é fazer com que você passe mais tempo passeando por elas.

Mike Monteiro, em seu manifesto *Ruined By Design* (2019), desabafa sobre o quanto essas armadilhas digitais transformam a nós, seus usuários, em *asszes* que as valorizam. Pelo seu projeto, elas visam reter nossa atenção, plataformizam áreas que antes eram “livres” e trabalham a favor da concentração do capital no norte global. Com um pouco mais de parcimônia, Silvio Lorusso (2023) explica que dificilmente se deve ao designer, esse ator imbricado no projeto dos ambientes digitais, a responsabilidade completa pelo cenário de desolação. Há em jogo, na verdade, uma ampla operação de diluição de responsabilidade, pela qual as inúmeras decisões executivas, limites tecnológicos, regras de negócio e oportunidades de venda se mesclam em uma forma de projetar que corresponde a um modo de vida específico e almejado para os “habitantes da internet”.

O que podemos observar hoje, nas interfaces amigáveis e nas plataformas super leves que carregam rapidamente em qualquer dispositivo, é uma série de padrões de interação que buscam ao máximo ampliar a eficácia e a eficiência das tarefas realizadas em tais interfaces. Em resumo, há uma constante busca pela melhoria das plataformas em relação ao seu uso: algoritmos que aprendem sobre nossos gostos e organizam o conteúdo, menus com atalhos e áreas personalizadas, motores de busca sofisticados, que entendem que diabos estamos buscando mesmo quando cometemos erros bizarros de ortografia.

Soma-se a isso os dispositivos próprios das redes sociais, responsáveis pela iconografia que representa seu uso: botões de curtida, contadores de reposts, visualizações de quantidades de seguidores e assim por diante. Em tal ambiente numérico e gameficado, estar na rede social é mais do que mera presença online: é ser capaz de avaliar seu próprio valor enquanto indivíduo.

O quarto e último argumento desta minha defesa é apontar para o quanto as plataformas mudaram nos últimos anos. Essa mudança, contudo, não deve ser vista como pura e simples

melhoria, pois acreditar que estamos em uma internet cada vez melhor por ser mais populosa, ampla, rápida ou mais visualmente bacana é uma crença que esconde o quanto sofisticados os mecanismos de reforço positivo se tornaram.

Essa percepção de melhoria, no fundo, é regida por um signo fiel a um mercado de socialização. Vulgo, é do interesse das *big techs* que nossos relacionamentos sejam mais válidos e reais digitalmente do que no mundo físico, porque isso gera tendências de uso cada vez maiores para as redes.

O mercado da socialização que as plataformas criaram obedece, logicamente, às regras de qualquer outro mercado: competitividade, produtividade e fidelização são peças-chave para qualquer rede social. Elas incentivam que postemos mais, que dediquemos nosso tempo mais a uma do que a outra, e que tenhamos constância: voltar para a tela todos os dias, conferindo as novidades, notificações e updates. Usar as redes sociais não é um treinamento para viver em sociedade. É um treinamento para ser um usuário de rede social cada vez melhor.

Há algum tempo um divertido meme circulou por aqui: há uma suposta tendência manifestada pela natureza, em termos de evolução, para criar crustáceos – mais especificamente, caranguejos. O fenômeno (que recebe o nome de carcinização) rendeu uma série de piadas e ajudou a espalhar a ideia (um tanto errônea) de que o caranguejo é uma forma avançada ou superior de ser vivo, visto que a natureza chegou até tal forma esdrúxula a partir de diversos caminhos evolucionários diferentes.

A nossa geração (as pessoas que se tornaram usuários ativos da internet a partir dos anos 2000) pode estar mais inclinada a encarar a internet como uma tecnologia inherentemente plataformizada, na qual as redes sociais representam o seu uso mais avançado ou otimizado. O caranguejo das redes sociais, no entanto, representa apenas uma porção muito restrita do que é a grande rede. O movimento que muitas plataformas fazem, de agregar aspectos de socialização às suas funções mesmo que, originalmente, elas não sejam destinadas para tanto, parece reforçar uma ideia: quanto mais avançado um serviço for, mais possibilidades de socialização e compartilhamento com outras pessoas ele irá oferecer.

Redes sociais fazem parte da experiência online, mas elas não devem ser vistas como a melhor forma de experiência online. São um aspecto de uma tecnologia maior, mais potente. Esses quatro argumentos não devem ser vistos como um clamor pelo abandono das redes.

Particularmente, acredito muito mais em usos específicos, apropriações e ressignificações do que rejeições. Vejo um pouco dessa poética da apropriação quando notícias do tipo “aprenda a treinar seu algoritmo” ou “escolas proibem os celulares e crianças redescobrem outras formas de socialização” aparecem.

As redes sociais não são O Mal. Talvez seja apenas uma questão de encontrar um lugar melhor, no nosso modo de vida, para a mediação que elas oferecem.





MICHELE

(*in memoriam*)



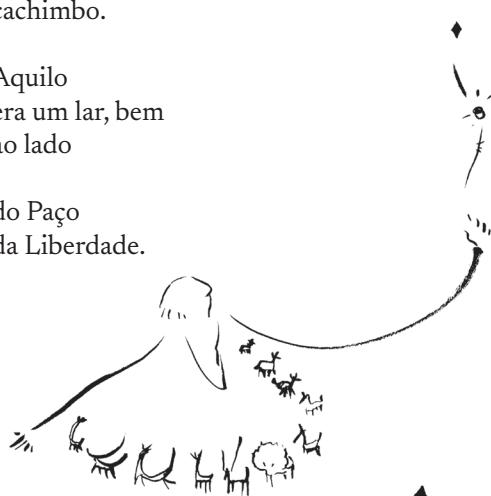
Rodrigo Madeira

1.

Um sofá quebrado
um colchão
móvels de papelão
uma vassoura, um porta-retratos
(outra pessoa, com todos
os dentes, vendendo
saúde e felicidade)
papéis cortados, três garrafas de
corote vazias, duas
cobertas, bombril, um *pipe* ou
cachimbo.

Aquilo
era um lar, bem
ao lado

do Paço
da Liberdade.



2.

Alguns diriam:
um hotelzinho de
200 estrelas, um quarto sem
teto paredes senhoria.

Té parece.

era só
uma calçada mesmo,
um buraco
sem circunferência

varrido com zelo

por uma dinga
uma noia, diarista
escravinha

há 500 anos (a
malandrinha)
deitada

sob a mesmíssima marquise.

3.

Ressonando
como
um bebê
no lixo
mamando

mamando

nas tetas caídas da Via Láctea.



1. Em 1º de agosto de 2025, foi morta uma “moradora de rua” ali no Largo da Ordem, Centro de Curitiba. Fui a primeira pessoa da FAS (Fundação de Ação Social) a ter notícia. Perguntei para a policial o que estava acontecendo (a área estava isolada), se alguém havia morrido. “Foi uma dinga, que ficava num colchão ali na Generoso Marques. Foi estrangulada por uma puta que ela tinha roubado”. A “dinga” era uma pessoa com transtornos mentais, dependente química, completamente abandonada pelo Estado e pela sociedade (esquerda incluída). Abordei-a algumas vezes. Ela quase nunca ia pros abrigos. Uma vez me disse que precisava se internar no San Julian urgentemente. Falei que ia ajudá-la (a burocracia é imensa). Quando voltei em outros dias, ela des conversou, disse que não queria mais. Insisti (mas – a morte dela é a prova – não o suficiente). Michele ficava ao lado do Paço da Liberdade, frequentado por estudantes, autoridades, gente comum com um pouquinho mais de grana, intelectuais. Eles tomam café e falam de política, costumes, aventuras amorosas e arte. Michele, ao lado, falava sozinha fumando crack. Estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Tinha, se muito, dez dentes na boca. Foi mãe aos 16, 17 anos. Desde 2022, era abordada sempre no mesmo lugar, do lado do mercado de flores, a alguns passos da estátua preta de Erbo Stenzel. Nunca saía dali. Dava pra qualquer pessoa orientar um turista usando-a como ponto de referência. Limpava seu quarto imaginário com disciplina e zelo. Todo mundo é responsável pelo que lhe aconteceu: a cidade, a FAS, as ONGs, o Departamento de Ciências Sociais da Federal; Deus, a associação das senhoras carolas da Francisco de Paula, a Saúde, a Ciência, a Polícia, os palácios, eu. Sei que é difícil medir esse tipo de coisa, mas realmente me parece que ela deveria ser a última pessoa a ser responsabilizada. Até Jesus, coitado, num caso como esse, tem mais culpa no cartório.

2. No domingo seguinte à morte de Michele, enquanto uma equipe da FAS trabalhava no Largo da Ordem (a van estava estacionada em frente à Igreja do Rosário), dois homens com cerca de 25 anos faziam um vídeo – um deles segurava um celular, o outro, um microfone portátil. Diziam assim: “Uma mulher morreu aqui há alguns dias, e ninguém está falando nada”. Fizeram uns cinco *takes* dessa única frase. Pensei que fosse uma intervenção crítica, alguma ONG ou coletivo denunciando o descaso com a população de rua. Na segunda frase, porém, a dupla esclareceu a coisa toda: “Michele Alves Machado, ligada ao PCC, foi morta pela mulher que ela tinha roubado”. Tive que dizer alguma coisa. Falei que a conhecia, contei o que sabia de sua vida, afirmei categoricamente que ela não era membro do PCC, ameacei-os de processo caso eles publicassem aquelas mentiras. Perguntei ainda: “De onde tiraram isso, onde cês viram essa merda?” “Da internet”.



3. Próximo ao local onde o corpo de Michele foi encontrado, ainda no dia de sua morte, outro educador ouviu de um guarda municipal: “Aí, sim. Até que enfim. Alguém que fez nosso trabalho”.



Reconheço meu avô no canto dos pássaros

Caira Lima

Alguns anos após a morte de meu avô, percebi que não recordava mais o som da sua voz. Tenho imagens claras dos traços da sua face, das sobrancelhas grossas, das rugas perto dos olhos e da boca, da maçã do rosto protuberante, característica que passou para a minha mãe, chegou em mim e espero que a genética faça o favor de entregar aos meus filhos. Quando fecho meus olhos, minha mente consegue recordar o chapéu preto que ele usava praticamente o tempo todo para proteger sua cabeça branca do sol ou do sereno da noite, e que tirava ao chegar na porta da igreja aos domingos.

Lembro também do cheiro peculiar da sua cabeça, uma mistura de sabonete barato de supermercado com o suor do homem paraibano que passou a vida no trabalho árduo, construindo muros, casas, piscinas nas casas dos ricos, em busca de fortunas em garimpos do Pará ou plantando e colhendo alface e outras verduras já nos últimos anos da vida. Mas não me lembro do tom da sua voz.

Nunca chamei meu avô assim, de vô ou vovô. Ele sempre foi *paizinho*. Sempre foi o incomum, o carinho especial, o termo só nosso. Nenhuma família é igual a outra, é o que sempre dizem, e poder chamá-lo de um jeito diferente de outras famílias que eu conhecia, fazia aquela relação ser bonita. Quando eu era criança, sentia uma certa superioridade quando dizia aos colegas que meu paizinho tinha feito móveis de madeira para minhas bonecas Barbie. *Paizinho é o meu avô, pai da minha mãe, a gente chama ele assim*, eu sempre tinha que explicar. E fazia com gosto, com um quê de *veja só o que eu tenho e é tão diferente*.

Me enchia de felicidade ao vê-lo descascando cana-de-açúcar e cortando em pedaços para os netos comerem, ao cair na gargalhada quando ele nos empurrava no carrinho-de-mão pela chácara afora, quando ele servia farinha de puba com açúcar para nós no meio da tarde ou goiabada com creme de leite quando tinha mais dinheiro.

Custei a acreditar nas histórias que ouvi sobre ele antes de se tornar nosso paizinho. Quando ainda era só pai de oito filhos e quatro filhas, costumava deixar minha avó, minha maezinha, sozinha com as crias enquanto viajava por cidades para buscar outros trabalhos. Os filhos e a esposa famintos, comendo farinha de puba com água e sal, dividindo uma única lata de sardinha. Acomodava os filhos num casebre qualquer, deixava a maezinha grávida, sumia por meses e voltava dizendo que havia encontrado uma nova cidade com mais oportunidades, tirava os filhos da escola, e o ciclo se repetia.

Como ele poderia seguir nessas aventuras sabendo que os filhos sentiam a dor da fome? Ou era justamente por isso que tentava se agarrar a promessas de melhores condições em um futuro incerto? Percorreram juntos tantas cidades do Maranhão e do Pará, até que, por fim, se firmaram em São Félix do Xingu, cidade paraense cercada pelo rio que dá seu nome, o Rio Xingu. Me pergunto qual foi a gota d'água. Me pergunto se a maezinha quem deu o ultimato, se um remorso tomou de conta dele ou se a voz divina o convenceu a deixar as aventuras.

Não tenho parte nessas histórias. Quando o conheci, só conheci as partes boas. Não conheci a dor de uma ausência escolhida, não sofri a angústia e o medo que meus tios e tias sofreram sem saber onde ele estaria, se voltaria, quando o pai tão carinhoso estaria em casa de volta. Não sofri com seu silêncio, o que indubitavelmente é um tipo de dor superior à dor de perder seu timbre de voz na memória. Sofro de sua falta, da ausência de seu cheiro, da necessidade de seu abraço, mas um sofrimento reconfortado. Não que a dor do luto seja pífia. Só que a dor do luto é permanente, é mutável em sua forma, mas permanente em seu estado. Talvez porque não carregue a subjetividade da escolha. Talvez porque não carregue esperança e esperança dói porque carrega um projeto de deceção.

Apesar de não lembrar de sua voz, me lembro dos assobios que ecoavam quando ele imitava os sons dos pássaros amazônicos que viviam na chácara onde morava. Pipiras, sabiás, joões-de-barro, araras. Com um assobio melódico, praticado durante seus mais de 60 anos de vida, ele tentava se comunicar com os passarinhos. É no som livre dos pássaros que o reconheço. É assim que saudosamente o reconheço: no canto das aves que migram ou que permanecem; que voam, mas que se aninharam aos pares para dormir; que deixam os filhotes no ninho e voltam para alimentar com insetos direto na boca; que buscam abrigo numa floresta já invadida e desmatada.

Por um tempo, paizinho criava pombos como animais de estimação. No fundo da chácara, construiu casinhas de madeira para os bichos, que se aninhavam ali durante as noites, obedientes e inteligentes. De tardezinha podíamos ouvir ele se comunicar, de cá ele fazia *prru prru* e de lá os passarinhos respondiam *prru prru*. Sem dúvidas, um dos meus sons favoritos era o seu assobio imitando o *bem-te-vi*. Arqueava as sobrancelhas, arregalava os olhos, fazia um bico e então a melodia em forma de assobio saía pelo pequeno buraco na sua boca. *Bem-te-vi*, ele dizia sem palavras concretas, *bem-te-vi*, a natureza respondia afinada.

OS RATOS VÃO PARA O CÉU?

Nestes contos sobre infâncias, Vitor toca em pontos que fogem da própria psicanálise. Em conceitos poundianos, misturado com a comunicação dinâmica de nossos dias, sarcasmo e realismo fantástico, relata uma espécie de distopia neurolinguística. Mexe em lugares perigosos da mente humana. Deturpa a retina do narrador em sua obra mais radical. Nos faz deixar de achar absurdo a possibilidade de engravidar de um sapo. Pega pesado. O livro provoca. Escancara como nós somos assassinos. Depois dos poemas de *Exátomos* (seu livro anterior) nos mostrar que pioramos. “Os ratos vão para o céu?” vem com a crueldade das crianças. Quem escreveu esse livro de contos foi a sua criança mais revoltada. Miranda escreveu um dos livros mais políticos dessa geração ao nos colocar de frente para a tortura de nossas infâncias que um dia chamamos de futuro da nação.



Adquirir direto com o autor no
instagram @vitorlmiranda

A primeira palavra

o bebê gagueja sua primeira fala. os pais esperam ansiosos. a mãe torce pra que seja mamãe. o pai pra que seja papai. ele mexe os braços. vovó manda beijinho. e o som vai saindo. a primeira palavra é muito significativa. tal qual a última, tipo “rosebud” do cidadão kane (e que acaba não levando à nada de importante, mas geralmente significa). quase sempre está relacionada ao que mais ouvimos no início de nossas vidas. e eis que a pequena criatura por fim enuncia sua primeira palavra. com a baba escorrendo pelo queixinho, ele diz:

— google





De quando Fulano-Do-Mato desapareceu

— E donde que tu conhece ele?

Daí, contou uma curiosidade cabulosa: foi uma das últimas pessoas que viu Fulano-Do-Mato antes do sumiço. Quando fora a Juazeiro, uns doze anos atrás, dormira em seu casarão, mesmo não o conhecendo. Tinha acabado de virar bicho. Precisava fazer uma viagem a Teresina e, pra não pegar sol, os bichos de Salvador lhe deram o endereço. Diziam: “é nesse casarão do Centro. Acolhe os bichos todos. Quando a manhã nascer, fique lá”. Assim fez.

Chegou em horário que o céu já estava riscado pelo primeiro fio resplandecente do sol. Bateu à porta na expectativa que só o medo traz. Em uma fração de segundos, como se alguém já estivesse em sua espera, abriu. Realmente era um casarão! Desstoava dos outros todos prédios daquele Centro, até mesmo os históricos — devia ser, reformas à parte, de quando aquelas terras ainda eram circunscritas por Pilão Arcado. A fachada imponente contrastava com o interior esfarrapado. A entrada consistia em uma antessala, vazia se não fossem as cadeiras velhas de madeira recostadas na entrada de cada corredor. O resto era isso: corredores trançados como um jogo da velha, devia dar dois quartinhos por quarteirão. No final de cada andar, encontrava-se a escada, de corrimão errático. As janelas davam apenas para os corredores — luxo inatingido pelos quartos. Tinham persianas opacas e pesadas, que de manhã fechavam e de noite ninguém abria. Quem estava à porta não era Fulano-Do-Mato.

Isso fez uma menina, “Oi, é Diacira”. Pouco mais velha que Alceu, ou ao menos fora no dia que viraram bicho, e nessa face preferiu se mostrar. Cumprimentaram-se, ela já sabia o seu nome, deve ter se falado sobre ele antes de sua chegada. “Sinto muito. É que a casa tá quase cheia, aí teu quarto é do último andar daqui que no caso é o andar quatro, te levo”. Segundo-a, ia delineando melhor o nebuloso edifício.

Quatro andares! Loucura, mas nem tanto. Fazia sentido em razão do tamanho curto entre sua cabeça e o teto. De conta rápida, imaginava ter ali 72 quartos mais ou menos. E se, considerando também que, como vira mais de duas pessoas e camas em certos cômodos de porta aberta, de gente devia ter muito mais. Se espantou com esse mei mundo. Perguntou a si mesmo se o quarto dele era exclusivo. Pra Diacira, perguntou por onde andava Fulano-Do-Mato.

“De noite ele sai. Mas bem como o sol nasceu, deve estar aqui já... É que aqui não tem só uma entrada não, aí, ainda mais ele que sabe ser bicho mesmo, entra por tudo que é canto” (grande silêncio se instaurou). “Mas não fique temeroso não, que ele é dum quarto do ladinho do seu, aí essa manhã ainda cês se veem”. Alceu não gostou da seleção vocabular “temerosa”, tentando, por meio duma cara de fofurice, esconder o desagrado.

De andar pra andar, em graduação as luzes iam diminuindo a intensidade, sendo o último quase um breu. Outra coisa o incomodava: não era como se alguém fizesse uma zoada de maneira extraordinária comparada aos outros, mas os tantos de gente habitando em concomitância; pelas paredes, tetos e pisos finos; orquestravam uma sinfonia de ruídos para desbaratar qualquer um. Enfim, chegou ao seu quarto. Diacira saiu numa pressa injustificada.

Felizmente só, enquanto se alocava no espaço, ponderava como iria dissimular aos bichos de Salvador, dizendo ter sido ótimo; e como faria das outras vezes que quisesse ir do litoral baiano ao meio-norte — inclusive o versa do vice na volta — sem passar por ali. Provavelmente iria dormir no porta-malas, já vedado por precaução.

O relógio dava seis horas. Como pros bichos o sol age que nem noite, deviam estar todos indo dormir: diminutos eram agora os farfalhares. Tirando o essencial, o quarto era desmobilizado. Uma cama

posta à quina e uma portinha segregando o cagadouro — não tinha chuveiro. Na parede, outro relógio, marcava 5h50 — ficou em dúvida se o seu relógio estava adiantado ou o da parede que se atrasava. O cansaço fez-se daqueles que cansa sentir, adormeceu.

Foi acordar com a hora marcando meio-dia. Os hábitos humanos ainda o instigavam a se alimentar. Dos 19 anos que vivera, as doze horas sempre foram para o almoço. Se admoestava para que assim não fizesse, saiu do quarto para ajudar a passagem do tempo.

O fantasmagórico de quando chegara ao casarão fazia maior imperatividade. Coabitava apenas o silêncio, nada mais — as portas todas fechadas, com as frestas sem sair nenhuma luz —, sentia-se a única pessoa ali, o único bicho. Dum quarto ao lado começara a trovejar mei mundo de passo. Devia ser o de Fulano-do-Mato — a porta que o ornava era duma formosura! Passos vinham se aproximando, até que a maçaneta girou, dali apareceu Diacira. “Tu entra”, disse ela se dirigindo à escada e deixando a porta escancarada. De dentro nada se via que não um breu. Pôs-se a pensar.

Entrava ou não? Era Fulano-Do-Mato o dono da hospedagem, que, de grande bondade, deixara-o entrar em sua morada e, gratuitamente, passar um solar inteiro lá, prezando por sua vida, a saúde. Entrou pra não fazer a desfeita.

A escuridão não se diminuía nas tentativas dos seus olhos de bicho em se arregalar e diminuir. “A bicha falou pr’eu entrar. É tu, Fulano-Do-Mato?”, uma voz respondeu garbosa que sim, e de fato era. Fulano-Do-Mato foi em direção à porta e acendeu o interruptor que ficava ao lado, logo depois fechando-a. A luz, ao se instalar, fez um estralo de velhice.

O quarto de fulano não chegava a ser muito mais chique que os outros. A cama era a mesma de solteiro entre a dobra de paredes. Tinha mobília, mas não de aspecto sofisticado e sim em provável



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gatão de meia-idade. Um personagem volátil, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”, exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026. Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras para refletir sobre a vaidade e o fim da vida. Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



OHH + APELAO DE TERESINA



razão do tempo que vivera ali. Fulano em si era um ocó digno de jeito: parecia mais velho, sendo com certeza. Os boatos soavam em Salvador que virara bicho já não sendo moço, mais de século atrás. A idade lhe dava um charme, ao menos assim Alceu pensava. Além da idade, chamava-lhe atenção os cabelos grandes e os olhos de alguém que verdadeiramente olha, indistinguíveis.

Deu se início a diplomacia, Alceu pra lá agradecendo a recepção, elogiando em mentiras a instalação na qual estavam – Fulano distribuindo “não há de-quês”, ressaltando a importância dos bichos em se unir naquele canto do Nordeste: “Aqui o sol verdadeiramente castiga. Sei de bichos doutros cantos que, no aperto das alvoradas, se escondem em sombras de árvores, nas grutas, isso inté lá na chapada! Desses terras até pra onde fica canindé, isso não cola não, o sol nasce e a gente morre, recepção vira



obrigação”. Alceu perguntou qual seria mesmo o seu nome. Lhe disse que sabe já ter tido um, mas o tempo passou e agora o desconhecia, caso não

Do-Mato seria só Fulano.

Conversaram a beça e o momento foi, no geral, feliz. Acabou, lá pras duas da tarde, dormindo no quarto de Fulano mesmo. Este se sentava no chão, fazendo silenciosa companhia e comendo um abacate tirado não se soube donde. Alceu o olhava para ver



se o tempo passaria melhor, criava afinidade. Achou estranho o modo pelo qual ele comia a semente, mastigando-a e craquelando-a numa bocada só. Dormiu novamente.

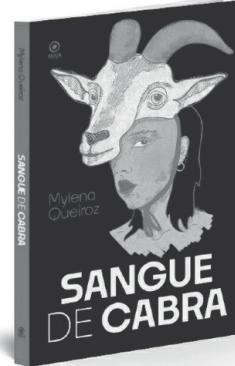
Acordando seis e meia, soube por Fulano que nessa hora o sol já descia do céu. “Eu tô saindo agora, aí se você quiser, no meu quarto tem chuveiro, pode ficar à vontade. Foi-se embora.

se o tempo passaria melhor, criava afinidade.

Alceu ficou feliz com a informação e ficou à vontade, tomou um banho ali mesmo. Único desgosto foi a bosta no vaso que Fulano esquecera de dar descarga. A semente do abacate triturada permanecia indigestamente lá. Banho tomado, descarga dada, foi ao seu quarto pegar suas coisas e sair. No caminho da antessala, não vira novamente Diacira.

Foi pra Teresina, fez o que teria de ser feito. Mudou de ideia em relação ao lugar e decidiu ficar ali também na volta. Entretanto, quando voltara, só a bicha tornara de recepcioná-lo. Numa cara de enfado, deu-lhe a notícia de que Fulano-do-Mato sumira desde o dia que saiu. Alceu dormiu em seu porta-malas e, desde aqueles tempos, Fulano não fora mais visto – um mistério conversado pelos bichos dos cantos todos do mundo.

– E como que tu nunca me contou isso?



Em nove cortes, *Sangue de Cabra* reúne narrativas de meninas e mulheres em meio aos horrores que insistem em acompanhá-las: O vídeo de uma menina assediada viraliza. Uma mulher recomeça a vida enquanto é perseguida por uma cabeça. Uma senhora sonha com o fim sanguinário de um latifundiário. Uma tragédia na cisterna une duas irmãs. Um local conservador readequa socialmente fêmeas. Amigas escrevem um texto sobre um ser com boca nas costas. Pesquisadoras decodificam mensagens em potiguara e em alemão num casarão em uma aldeia. Uma jovem ultrapassa limites ao defender sua colega de classe. Uma especialista em testes de fidelidade monta uma pegadinha com homens reincidentes.

Sangue de Cabra
contos de Mylena Queiroz

R\$ 60,00

editorapatua.com.br

RELEVO SEGUROS: A MORTE COBRA PASSAGEM + JUROS

Utilidade pública: viver, como diria Jamil Sneege, é prejudicial à saúde

Todo mundo sabe que o ser humano é uma merda. Exceto o ser humano – um dos motivos pelos quais ele é uma merda. Pensando nisso, o Jornal RelevO – esse parâmetro mundial de vanguarda – decidiu cumprir com sua sina celestial e, novamente (como um David Bowie movido a leite, pó e pimenta), inovar.

O RelevO agora também vende seguros. Surpreendente, não? Nem tanto. Quem é que não vende seguros? A gente precisa diversificar, né. Ou vocês acham que jornal de papel

dá dinheiro? É só ver a prestação de contas na página 2. Enfim, uma coisa de cada vez, este texto devia ser um *release* animado (isso que dá não usar o ChatGPT...).

A questão é: o RelevO lançou seu próprio seguro de vida. Mas não qualquer seguro. Um produto babilônico, um divisor de águas. Trata-se do Seguro Invertido. Nele, o cliente paga uma multa por estar vivo e perde por esperar. Tem coisa mais ESG que isso? Confira os detalhes!



COMO FUNCIONA?

Em letras miúdas e doses garrafais, o segurado (“segura aqui!”, exaspera o estagiário, reprimido por olhares secos – o Jornal RelevO até poderia rir; a Seguradora RelevO jamais) paga uma multa mensal por permanecer vivo. De novo: entre as poucas crenças do RelevO está a convicção sólida de que o ser humano é uma merda. Quer outra opinião? Pergunte ao tigre-do-cáspio. Ah, é, não existe mais tigre-do-cáspio, porque alguma espécie o exterminou (oooops).

Mas o que o segurado ganha com isso? Vamos explicar melhor. Seu pagamento mensal cria um fundo. Este fundo (armazenado num investimento extremamente sólido nas Ilhas Cayman, com rentabilidade garantida) atinge uma lista de beneficiários, os quais serão lembrados mensalmente a respeito da sobrevivência do segurado. Sem eufemismos. Sem pisar em ovos. Sem “se o senhor ‘vir a faltar’...”.

Veja, a economia é feita de incentivos. Ao contratar nosso Seguro Invertido, o segurado cria uma rede de torcedores de seu óbito. “Finalmente meus netos me visitam”, alega um satisfeito cliente que não quer ser identificado, mas pode ser encontrado no Centro de Curitiba, mais especificamente na Rua Emiliano Perneta, 576, com a porta destrancada entre 14h e 20h.

Assim como regulamentar lobistas, o Seguro Invertido cria uma transparência jamais vista nesse mercado, evitando fraudes, falcatruas e mortes suspeitas ao [meio que] institucionalizar tudo isso em contrato. Se essa moda tivesse pegado no século passado, praticamente não haveria literatura policial americana (mas só do Ross MacDonald já tem uns 50 livros publicados no Brasil; é mais que suficiente).



CLÁUSULAS

1. “Esse velho ainda joga?”

Todo mundo quer viver para sempre (o que é uma pena e uma tolice), mas pera lá, amigo. Você tem certeza de que vale a pena, depois dos 60 anos, passar a noite inteira acordada apostando o dinheiro que você não tem com a chave no bolso (vazio) de um carro que ainda não terminou de pagar? Claro que vale! Ao estimular que os mais experientes passem por experiências idiotas típicas dos mais jovens, o Seguro RelevO inibe o etarismo e transforma aquele seu avô meio chatão em uma figura inspirada para os meus jovens.

2. Descontos progressivos por quase-morte

Foi atropelado e passou a sentir um frio diferente de madrugada? Retire seu *voucher* com benefícios que vão de descontos a... outros descontos. Ok, ainda estamos desenvolvendo isso.

3. Internação hospitalar com alta sem sequelas

Foi internado e criou expectativa entre seus pares, mas voltou sem sequelas? Volte duas casas, isto é, pague um adicional. Nossa contrato é justo. Sequelas, no entanto, reduzem o valor da mensalidade. De novo: nosso contrato é justo. Só queremos um mundo (com) menos humano(s).

4. Exame BOMD+

Pouco se fala do desânimo de uma parcela considerável dos brasileiros quando fazem *check-up* de saúde e tudo está bem. Melhor: bem demais! A falta de um diagnóstico muitas vezes desmotiva o brasileiro a cuidar mais da saúde, afinal o motivo de pagar plano de saúde é ficar doente para poder usar o plano de saúde. Assim, o RelevO Seguros garante

que o seu exame não ficará 100% isento de doenças e trará laudos de doenças “tratáveis”, como alergias, acne e virose estomacal. Nossa plano para virose estomacal, inclusive, está com promoção para quem assinar o seguro até o fim de 2025. Inclui a perda de 10 kg em 15 dias. Bom para quem quer desenvolver aquele *shape* e, ao mesmo tempo, usar atestados na frequência ideal (oferecemos um guia).

5. Velório DaHora

Se te falta motivação para curtir outro plano, nossos *party planners* deixam tudo tinindo para o evento com o qual você sempre sonhou e que, infelizmente, não poderá desfrutar. Parte da mensalidade contempla a curadoria completa da sua despedida: trilha sonora personalizada, iluminação dramática para fotos dos presentes, *open bar*, lembrancinhas temáticas e telão com seis opções de esportes para evitar o tédio dos presentes (nada de Canal Off). Você não correrá o risco de flopstar.

6. Indenização em Dobro (Pacto de Sangue)

O que fica é o legado. Tem algo mais divertido do que ferrarr – com autorização contratual – a vida de quem complicou a sua? Nossa Seguro Invertido inclui o Pacote de Vingança Póstuma, que aciona mecanismos automáticos de desconforto cuidadosamente pensados para atingir seus desafetos. De ruídos noturnos inexplicáveis na casa do ex até envios recorrentes de boletos misteriosos ao vizinho que estacionava na sua vaga: temos um catálogo inteiro de pequenas maldades socialmente aceitas. Tudo com descrição jurídica e assinatura digital. Na Seguradora RelevO, paz é uma *commodity*.



De fato, o Seguro Invertido RelevO é menos sobre proteger a vida e mais sobre proteger a narrativa. A sua, a nossa e a de um mundo que insiste em respirar. Se viver já custa caro, morrer agora pode ser mais vantajoso do que nunca.



"Hamlet, você está buscando maneiras de melhorar os resultados de suas campanhas de marketing?" (na tela da geladeira, detalhe de 'Hamlet, Horatio, Marcellus and the Ghost', Robert Thew / Henry Fuseli, 1796).

E N C L A V E

a newsletter do Jornal Relevo

Assine e receba de graça em seu e-mail:
[<https://jornalrelevo.com/enclave>](https://jornalrelevo.com/enclave)

Em breve, o fantasma de seu pai anunciará promoções de Black Friday na sua geladeira

Já comentamos por aqui que anúncios são um dos maiores propulsores da ação humana. Onde há uma pessoa haverá um anúncio: no transporte público, no elevador, em Marte (aguardem).

- Com o *digital overlay*, já temos até anúncios inseridos artificialmente para poluir cada vez mais qualquer resquício da sua tela em qualquer resquício do seu entretenimento. Ou, no caso, para *oferecer uma experiência customizada*.

Anúncios representam 98% das receitas da Meta (Facebook) e 76% da Alphabet (Google). Calcule o valor colossal atribuído a essas empresas (US\$ 1,5 e US\$ 3,5 trilhões, respectivamente) e fica fácil entender como esse recurso se tornou praticamente a base da economia digital¹. E assim você não escapa de anúncios no transporte público, no elevador ou na esteira da academia. Telas são baratas, e onde há humanos há telas, e onde há telas há anúncios. Alguém está pagando para aparecer na tela do elevador com a esperança de que aquilo traga algum retorno a seu negócio.

Por sua vez, geladeiras — algumas geladeiras — passaram a ter telas. Não geladeiras quaisquer. Geladeiras *smart*, que fazem *muito mais que...* refrigerar². Consideremos por um minuto que, com o tempo, isso se torne um padrão da indústria.



Comprar uma geladeira, instalar um *app* que integre seu cadastro à geladeira (já consigo me ver suando frio com uma autenticação de dois fatores para associar a geladeira ao meu *smartphone*). Receber notificações na geladeira. Isso lhe parece realmente inverossímil?

Pois bem, de todo modo, haverá telas. Quem sabe as próprias fabricantes passem a empurrar geladeiras *smart*, porque afinal telas oferecem oportunidades, e por que deixar de aumentar um pouquinho a receita com uma linha paralela de — tão baratos, tão práticos! — anúncios??? Estou obviamente confabulando; nada é informação — exceto pela confirmação da Samsung de que, bem, hehehe, sabe como é, né, não tá fácil pra ninguém...

Anúncios na geladeira. Este é o primeiro fato deste enclave.

Anúncios. Na geladeira. É *realmente* inverossímil um futuro em que sua geladeira parte de um plano gratuito que não congela, e para usufruir do *freezer* você precisa assinar o plano pago (com e sem anúncios, este último um pouquinho mais caro...)? Espremidos entre emerdação e gamificação, estamos realmente tão longe disso?

Após críticas, Amazon revela por que colocou publicidade na tela da Alexa

A country manager da Alexa no Brasil, Talita Bruzzi Taliberti, afirma que a exibição de anúncios é fundamental para manter o serviço funcionando.

Por Thássius Vélez
18/11/2025 às 12:47 • Atualizado às 17:26

“É uma forma da gente conseguir gerar monetização e continuar oferecendo todo o nosso serviço, que tem um custo por trás — que não é baixo” (TechnoBlog)

Pois bem, há um segundo fato. Talvez vocês já tenham visto o mentecapto responsável por isto aqui, um *app* que permite... manter vivo o avatar de um ente querido. As comparações *Black Mirror* são tão óbvias que nem merecem detalhamento maior³. A ideia é grotesca (por motivos que, a meu ver, também dispensam um detalhamento maior) e, imagino eu, não vá ter grande adesão. Por ora. Até que alguém — quem sabe, quem sabe — amarre melhor as oportunidades.

Talvez alguém que vale trilhões (asteriscos) e é capaz de mover um ecossistema inteiro. Talvez oportunidades como anúncios.

Possivelmente embebido num pessimismo exacerbado, pergunto outra vez: é tão inverossímil assim imaginar o avatar da sua avó lembrando-lhe sutilmente que aquela máquina de lavar que você andou olhando (o avatar da sua avó está integrado ao histórico do seu navegador) acabou de entrar em promoção? Na versão gratuita, claro. Pagando um pouco mais, você tem acesso à personalidade completa da sua avó. Uma versão que não sugere apostar na Betano ou vestir Insider. Uma versão que permite addons como agregadores de preços ou ferramentas de gestão (a disciplina da minha avó mantida viva num Kanban).

No lar do futuro, é completamente inverossímil integrar o *app* da sua geladeira ao melhor *app* de avatares do mercado? Tela sobre tela. Tudo maravilhosamente conectado (com autenticação em dois fatores). É mesmo improvável escutar a voz de seu pai morto emergindo da geladeira a sussurrar: “Filho, o frango está acabando. Já experimentou o sassami Copacol?”, seguida de um aviso — PARA REDUZIR ANÚNCIOS E CONGELAR CARNE, ASSINE O PLANO PREMIUM?

Nada disso vai acontecer.

...

Certo?



¹ Notícia deste mês: “Documentos internos da empresa mostram que a Meta projetou internamente, no final do ano passado, que obteria cerca de 10% de sua receita anual total — ou US\$ 16 bilhões — com a veiculação de anúncios de golpes e produtos proibidos” Forbes.

² Eu, que do fundo do coração não me considero um ludita em nenhum aspecto, resisto muito à ideia de geladeiras e máquinas de lavar *smart*. Porque, como acabei de apontar (mas vale o reforço), a principal função de uma geladeira é resfriar; e a principal função de uma máquina de lavar, lavar. É óbvio, soa estúpido, mas... aqui estamos. Tudo, afinal, há de ser otimizado.

³ ‘Black mirror’: criador da série diz que mundo está muito triste para uma nova temporada (conforme matéria d’O Globo em 2020).

HECHO por Cami

Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusiva aos curiosos.

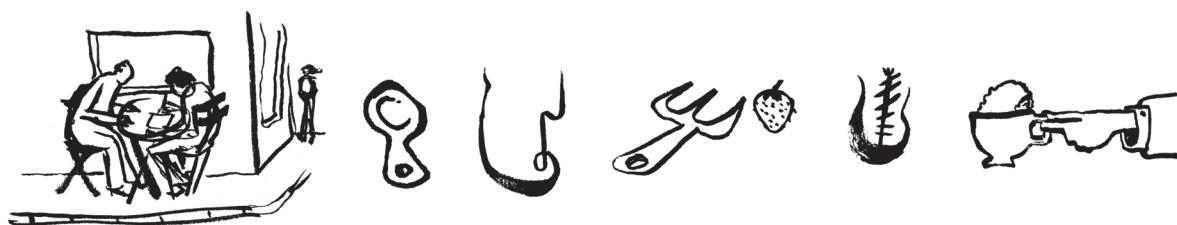
Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcam.com | @hechoporcam



SOCIEDADE DOS POETAS VIVOS

Poetas mortos geniais existem aos montes: Camões, Pessoa, Bandeira... Mas e poetas vivos geniais? Conheço três, dois pessoalmente: Alexei Bueno, Frederico Gomes e Maria Thereza Noronha. Cultivam preferencialmente as formas fixas, tradicionais da poesia, entre elas o soneto. Ei-los (em ordem alfabética):



ALEXEI BUENO. Talvez o poeta brasileiro vivo mais genial. Sua *Poesia completa e traduzida* (reunindo a obra poética até 2023) cobre 1036 páginas. De lá para cá, compôs mais dois livros de poesia: *Camões: Em nós, por nós*, comemorativo dos 500 anos de nascimento do vate lusitano, e *Naquele remoto agora*, cujo tema quase único é o da estranheza. Dele extraio “Heresia”.

HERESIA

No cemitério da Cidade dos Barões
Tiraste a roupa – era verão, ninguém por perto –
Para pôr outra menos quente. O sol, por certo,
Nunca ali viu tamanha glória, entre os brasões.

Por serem sacras as estátuas não sentiram
A justa inveja. Foi atrás de uma capela.
Visão sublime. Ah, não poder voltar a ela,
Aquela tarde, e ao que os jacentes jamais viram.

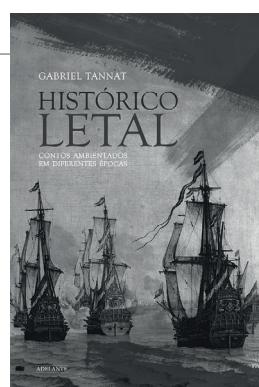
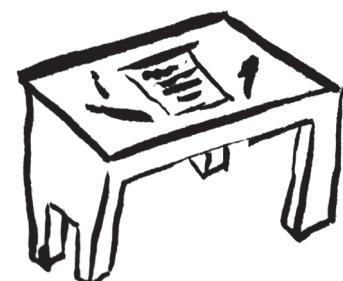


FREDERICO GOMES. Na quarta capa de seu recém-lançado *Esse animal, o homem*, publicado pela editora portuguesa Rosmaninho (embora Frederico seja brasileiro), escreve Ricardo Vieira Lima: “Duas características fizeram dele, desde o início, uma das mais singulares vozes poéticas deste país: um certo pessimismo schopenhaueriano [...], perpassado por uma postura crítica irônica, mordaz, desabusada até, diante das intempéries da vida e do mundo [...]. Dele selecionei “Taedium vitae”:

TAEDIUM VITAE

E se nesta noite sem perspectiva
– lúgubre – Frederico se matasse?
Alguém o choraria, alguém que o amasse
maiusculemente como coisa viva?

Coisa viva que se abre para a morte
sem que ninguém, ninguém jamais o chore.
Frederico só espera que melhore
do outro lado da vida a ingrata sorte.



HISTÓRICO LETAL

Gabriel Tannat

A obra é composta por contos ambientados em diferentes épocas que foram escritos a partir de exaustiva investigação antropológica e historiográfica. O cenário principal é o Nordeste do Brasil durante o período colonial, especialmente quando os neerlandeses estavam na região disputando com os portugueses o comércio de escravizados da costa oeste da África.

Adquira via estantevirtual.com.br/livro/historico-lethal-contos-ambientados-em-diferentes-epocas-HTH-4791-000
www.amazon.com.br/dp/B0CK7C1SWG | Ou entre em contato com o autor: gabrieltannatlivros@gmail.com



Ivo Korytowski

MARIA THEREZA NORONHA. Conheci essa genial poeta – segundo Alexei Bueno, “um dos nomes plenamente realizados da poesia brasileira contemporânea” – na Oficina Literária do professor Ivan Proença e me tornei seu amigo e fã. Após 17 anos sem publicar, ela me confiou a tarefa de organizar seu próximo livro, *Face de outono*, a ser lançado no final deste ano. Dele selecionei “Além do Arco-Íris”, poema dedicado a Judy Garland, a atriz mirim do clássico filme *O Mágico de Oz*.

ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Hoje não quero escrever
a poesia que se lixe
mas vem um verso à deriva
e, entre o disse-me-disse,

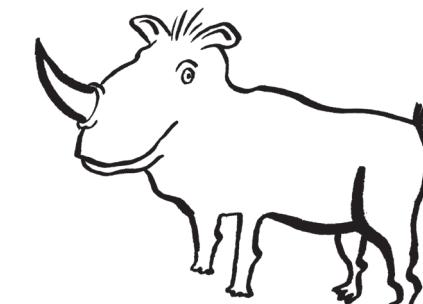
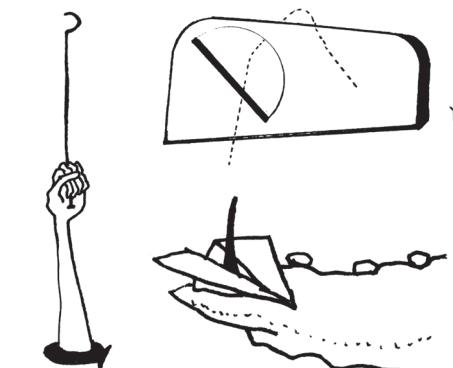
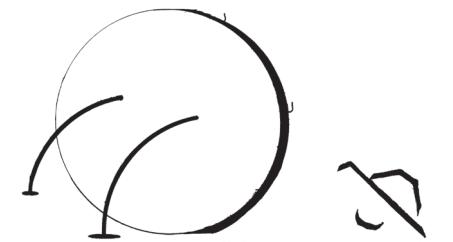
devolve-me à forma antiga
onde a mata era mais virgem
o chão com menos urtiga
e o olhar com menos vertigem.

Devolve-me à forma antiga
onde o mote era mais nítido
a seta indicava: siga
para um destino mais límpido.

Mas, por enquanto, estou lúcida,
malgrado o dia nublado
me encanto escutando a música
que envolve o som do teclado.

E, neste instante, estou lúdica.
Serena, me envolve a tarde,
vendo o Cristo, sem disfarce,
no alto do Corcovado.

Tudo me basta. Estou mágica
tal fosse além do arco-íris.
Posso voltar a ser trágica
se, acaso ou não, me ferires.



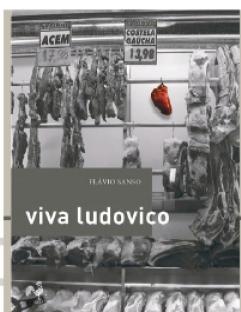
Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro *Viva Ludovico*, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Rodrigo Kmiecik



OS RIOS

No curso dos rios, de ribanceiras,
Onde as lontras fazem rumo e morada,
Ou descansam, dormitando nas beiras,
O mar parece nem mesmo existir.

Por que endurecer tão leve devir
Com teleologias fluviais?
Por que saber ao certo aonde ir
Se o mais importante é caminhar?

Por mais que possa levar ao mar,
Um rio se desdobra em tantos rios
Que podem levar a qualquer lugar
Mesmo sem bússola, sem direção.

Porque essas águas são igual coração:
Rosa dos ventos espraiando sangue
Mesmo sob a surpresa da monção
Que agita sangue e água sem sinal.

Tudo então é caminho no final
É cristalino ou noturno de chuvas
Mas como enfrentar este vendaval,
Se nem navegar sabemos agora?

Talvez esta seja justamente a hora
Para aprender um pouco com as lontras
Que navegam tantos rios afora
Sem nada saberem de navegar.

Sabem tudo que precisam lembrar
Do labirinto sanguíneo dos rios:
De que basta nas águas se encontrar;
Não é preciso chegar ao mar.



ACALANTO



Olha o tubarão: é uma faca talhando o mar, dentes talhando os peixes, muitos cardumes nas correntes. O albatroz vê o tubarão, mancha cinza no mar que já desapareceu. O mar vê os tubarões e sente cócegas. A terra vê o mar, e dorme.



[SEM TÍTULO]

Porque os bichos mesmo no meio do lixo, da sujeira, dos entulhos, e não é nem por culpa deles, no meio das ações, dos prédios em ruínas se redescobrem e encontram um jeito de amar. Porque sobreviver também é uma forma de amor. Como uma gata velha, muito doente, que dá à luz no meio dos escombros.

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.

Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignificantes.



@escritor.mayorga



SOLILÓQUIO DO SCRIMSHAW

Negra madeira, marfim de elefantes,
Nas águas da costa de Zanguebar
À Bagdá e seus mercados brilhantes
Nas sendas marinhas dum cachalote.

Navios da esquadra de Magalhães
Tripulados de sonhos e escorbuto.
Orgulhosas naus, férreos capitães,
Navegam nos olhos dum cachalote.

Bando de grous voando em migração,
Cruzando os céus, do norte para o sul;
Mil bicos grasnando a mesma canção,
Voando nos olhos dum cachalote.

Birremes cruzam o mar cor de vinho;
Fenícios vendendo sua tintura
Em portos da Grécia pelo caminho.
Púrpura nos olhos dum cachalote.

Caiaques que cortam mares gelados,
No rastro das nobres morsas e focas
E das narvais de chifres alongados.
Fugindo nos olhos dum cachalote.

Imensas frotas de juncos chineses,
Atracando nas docas de Guangzhou;
Ou partindo aos mares japoneses.
Velejam nos olhos dum cachalote.

Olaf Tryggvason saltando no mar
Morria o rei cristão da Noruega!
Assistindo à sua frota queimar
Brilhando nos olhos dum cachalote.

Entre corais e os polvos coloridos,
Moedas douradas, tesouro asteca;
Espólio de esqueletos esquecidos.
Afundam nos olhos dum cachalote.

Monstros marinhos de cantos e lendas:
Jörmungandr! Leviatã! Umibōzu!
Sadko e sereias na sombra das fendas.
Espreitam nos olhos dum cachalote.

Por mais que descoberta repitam
As caravelas nas praias baianas,
Povos da mata há tempos habitam.
Lembrados nos olhos dum cachalote.

Darwin estudando sobre o convés
Os bicos de tentilhões diferentes.
Uma iguana dorme no gurupés.
Ciência nos olhos dum cachalote.

Na costa, brilham cidades inteiras
Brilham com suas lâmpadas a óleo
Feito com a morte de outras baleias.
Ouão tristes os olhos dum cachalote!



Baleias jubarte, lulas, golfinhos
Tubarões, tartarugas e crustáceos
Quiçá cavaleiros, dragões ou moinhos.
Girando nos sonhos dum cachalote.

Desçam os botes! Grita o capitão.
Depois do alarme do mastro da gávea.
Preparem o bote, cordas e arpão!
Ouando avistaram este cachalote.

Visões perdidas na espuma do mar
No sangue escuro, na água salgada.
Fazendo a memória assim dissipar,
Quando arpoaram este cachalote.

E a cena assombrosa desta caçada,
Foi tudo que sobrou de sua história;
Matança marinha agora entalhada,
No dente arrancado dum cachalote.



tempo de demolição

Uma casa e seus quatro habitantes compõem uma família em demolição. O primeiro golpe, que culminará na ruína, será dado pela verdade. Afinal, o que destrói uma família nos moldes burgueses não é a mentira, como se poderia crer. Mas o que fazer quando os olhos veem as cenas do desamor, do ódio, das suspeitas de traição? Assim como um corpo, a casa vai perdendo móveis, revestimentos. Como a casa, as pessoas vão perdendo pedaços. Há uma anomalia no coração da casa: ela não possui banheiro social, de modo que o único existente liga dois dormitórios. As pessoas de fora, visitantes, hóspedes, só podem acessá-lo atravessando a intimidade dos adultos ou das crianças. Em tom ácido, o narrador nos apresentará, pouco a pouco, as demolições de alguns ideais como família, religião, casamento etc.

Isloany Machado



R\$ 50,00

www.mireveja.com



Ruínas

Um tom vermelho-fosco impregnava cada estrutura. Pilares desmoronados, poucas paredes se mantinham em pé, lascadas, sem o que sustentar.

“Eu falei que sou músico faz 25 anos?”

A mensagem de Beto, em texto, vinha acompanhada da foto de uma guitarra. Uma segunda foto, nunca baixada, embora, aparentava ter tambores de bateria.

“Que foda, cara. Eu não entendo nada dessas paradas, mas curto um som”. Esta poderia ter sido a minha resposta. Não lembro por que não respondi. Estava cansado? Ocupado? Sem saco para conversar?

“Ô chefe, tem internação mesmo?”. Essa mensagem, em áudio, vinha como habitualmente me chamava: “chefe” ou “doutor”.

“Não, já dei alta. Tô olhando uma suspeita de apendicite aqui. Qualquer coisa te chamo”. Respondi por texto. O Beto ficava ansioso com quase tudo que envolvia a rotina no hospital, então eu raramente lhe delegava responsabilidades. Não, eu não estava sendo legal ou empático. Apenas com preguiça de ter que manejá-la ansiedade alheia.

Janelas sem seus vitrais, a luz distante, como que repelida por barreiras.

Além de ansioso, tinha pouco tato ao lidar com colegas. Às vezes inconveniente (não deliberadamente), às vezes excessivamente expansivo, outras vezes muito assustado com situações corriqueiras da nossa rotina. Dificuldade em lidar com as diferentes hierarquias de um hospital universitário, que, embora não pareça aos leigos, só faltam fardas e continências.

Quando um ambiente se fazia silencioso, ele logo intervinha, falando sobre qualquer assunto que julgasse interessante, e seu tema recorrente, a sua bipolaridade e a quantidade de remédios que precisava tomar.

“Sabe, eu também sou bipolar. TAB II”.

Não, eu também nunca disse isso. Mesmo no meio médico, a bipolaridade é um grande estigma. Um diagnóstico que te reduz, te marginaliza, que berra *BIPOLAR!* a cada derrapada que você der.

Quando o Beto falava de seu diagnóstico, de seus remédios, de seus nervosismos, medos, impulsividades, alguns fingiam interesse, mas no máximo algum detalhe novo, caso houvesse, era mentalmente anotado para uma piada posterior, distante dele.

Recebi em meu celular:

“Gente, festa dia 26! Todos convidados! Só não chamem o Beto!”

Não havia móveis, quadros, pinturas, adornos, carpetes, lustres. Nem sequer velas exauridas. As lareiras pareciam nunca terem sido acesas.

Fico feliz em nunca ter ido em uma dessas festas que tinham como requisito a ausência dele. Mas, a bem da verdade, eu raramente ia em festas.

Três meses depois, o Beto morreu. Não atribuo a sua morte à exclusão que sofria. Entretanto, não se sentir acolhido era algo do qual reclamava abertamente.

Dois meses antes, enquanto escrevíamos no prontuário eletrônico de um paciente, Beto, sem aviso, soltou que Luana gostava de Messiano. Protestei imediatamente.





Fernando Borges

“A Luana nunca gostaria dele. Eu conheço ela, é um amor de pessoa”.

“Valendo uma Heineken?”

“Valendo”.

Beto, triunfante, puxou o celular do bolso, trazendo das profundezas da rede social uma foto. Luana abraçada a Messiano. E uma legenda elogiosa.

“Caralho... Tô te devendo uma Heineken”.

Beto entrava em questões delicadas sem preâmbulos, às vezes de forma desconexa com o que estava sendo dito até então.

“Sabe, eu não posso ter porte de arma. Se eu pegar uma na mão, eu meto um tiro na cabeça”.

E assim ele voltava para a sua grande questão. Eu provavelmente disse palavras vazias de apoio e motivação. Mas o que eu definitivamente não fiz foi avisar qualquer pessoa sobre a sua ideação suicida. Supus que ele já o tivesse feito por si só.

Uma guerra ocorrerá. Um cerco? Escassez. Invasão e demolição.

Dois ou três dias antes de morrer, Beto veio conversar comigo pela manhã, no hospital. Perguntou se eu tinha um ou dois reais para emprestar para inteirar a passagem do ônibus de volta para casa.

“Cara, não tenho. Só tenho cartão. Mas qualquer coisa me avisa que a gente dá um jeito”.

E esqueci completamente. De noite, enquanto saía do hospital, ele estava lá, claramente tentando simular alguma casualidade, e me perguntou: “e aquele um real?”.

Poucos dias antes havia me dito como estava afundado em dívidas. Não me ocorreu que fosse nesse nível.

“Vamos na barraca do lanche”.

Compraria um lanche no cartão, pediria para que o atendente me cobrasse a mais e me devolvesse a diferença em dinheiro físico.

Enquanto comprava o meu, Beto recusou um para si. Dei a ele o dinheiro e sentamos por alguns minutos. Comentei da Heineken, mas ficaria para outro dia. Estábamos ambos cansados. Falei sobre como as coisas melhorariam. Em um ano se formaria, seria médico e as coisas seriam diferentes.

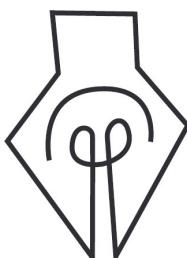
Em resposta, disse que havia desistido da Ortopedia. Que provavelmente seria melhor acolhido na Psiquiatria. Achei uma ótima ideia. A Medicina é um campo minado, um ambiente quase sempre tóxico, e ir para uma área como a psiquiatria talvez se provasse uma jornada menos árdua. Eu quase fui para a psiquiatria também, mas por fim me encontrei em outra especialidade.

Nos despedimos. E essa foi a última vez que o vi.

Devastação e destroços. Reminiscência de um castelo medieval. Eu caminhava entre ruínas do que antes fôra... Você. Sim, de alguma forma, eu sabia que aqueles escombros eram você. Às vezes não me recordo dos meus sonhos, outras vezes, me lembro em detalhes.

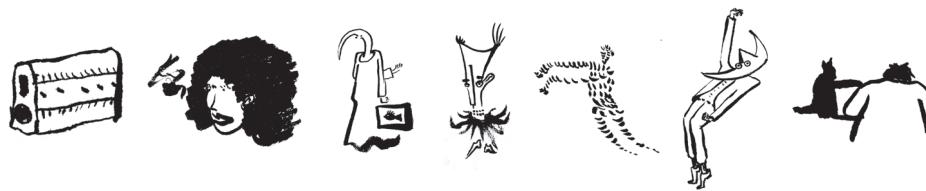
Alguns dias depois, um vídeo sobre suicídio foi divulgado no hospital. Todos deveriam assinar um documento constatando que assistiram.

Ainda aguardo pela Heineken que, ao beber, me dê a sensação de dívida paga. Um dia ainda tomarei e sentirei que foi por nós dois.





Intervalo



Ivana Mayrink

O ar não era ar, era uma substância espessa e gelada que se inspirava com esforço. Um ar de hospital, branco, sem nutrientes, feito apenas para preencher o vácuo entre um corpo e outro. E havia dois corpos ali, sentados no plástico frio que imitava a cor de ossos. Eu e ela. Nossos nomes haviam sido engolidos pela urgência do corredor, pelas portas de batentes metálicos que se abriam e fechavam como pálpebras indiferentes. Não éramos mais mulheres, éramos funções. Eu: a mãe daquele que jazia quebrado. Ela: a mãe daquele que o quebrara.

O silêncio entre nós era uma terceira pessoa, um corpo denso e pesado, ocupando a cadeira vazia que nos separava. Eu a olhava sem ver. Enxergava apenas o fato, a coisa-festa, o instante irreversível em que o corpo do meu filho e o metal do carro de seu displicente rebento se tornaram uma única e horrenda escultura de dor. O ódio era uma coisa morna e preguiçosa, que eu não tinha forças para alimentar. Havia apenas a angústia, uma náusea seca na boca do estômago, o medo primordial de que o fio que me ligava à vida do meu filho se partisse. E ela, a outra, era apenas o nó cego nesse fio.

As horas não passavam, elas se acumulavam, uma sobre a outra, como camadas de poeira. O mundo era o zumbido elétrico da luminária no teto e o cheiro de antisséptico que prometia uma pureza impossível.

Então, um movimento. Pequeno, quase imperceptível. A mão dela, que antes repousava morta sobre o colo, ergueu-se. A mão que gerou o motorista. A mão moveu-se com a lentidão de um bicho subaquático e estendeu-me um copo de plástico. Dentro, água. A água, a coisa mais simples do mundo. A coisa que se bebe. A coisa que limpa. A coisa que compõe um corpo,

um corpo agora talvez se esvaindo de si mesmo lá dentro, atrás daquelas portas.

Recusei com um gesto de cabeça. Mas o copo permaneceu ali, suspenso no ar entre nós. Um pequeno satélite de plástico e oferta. E eu vi. Eu vi a mão dela tremer. Não era o tremor da raiva, nem o do medo. Era um tremor miúdo, esgotado. O tremor de quem já usou toda a força que tinha para não se desintegrar. O mesmo tremor que percorria a minha espinha.

O meu rosto, eu não o sentia, mas ele devia ser uma máscara de agonia, porque de repente ele se desfez em água. As lágrimas não eram minhas, eram de uma criatura anônima que habitava em mim, uma criatura que só sabia chorar. A barragem se rompeu sem som. E então, o segundo gesto. A mão dela, a outra mão, abriu a bolsa e de lá tirou um lenço de papel. Branco. Dobrado. Ofereceu-me um lenço para o meu pranto.

Aceitei. O papel era fino, frágil, quase nada. Mas, ao tocar meus dedos, senti sua textura. Senti o objeto. E ao levá-lo ao rosto, senti o cheiro. Não era cheiro de hospital. Era um cheiro vago de perfume, um cheiro de bolsa de mulher, de vida comum, de antes. De quando nossos filhos estavam inteiros.

E naquele instante, o mundo se partiu. A mulher à minha frente deixou de ser a função, a-mãe-dele. A casca do nome, do fato, do acidente, trincou e caiu. E o que sobrou, o que estava ali, era a sua matéria pura. Um corpo de mulher que continha o mesmo medo

abissal

que me afogava. O medo que só uma mãe conhece. O medo que não escolhe lados. A diferença entre nós – vítima e algoz, meu filho e o dela – era uma linha fina, uma convenção social, uma casca de ovo diante da esmagadora e idêntica verdade do nosso pavor.

Não houve palavras. O perdão era uma palavra grande e inútil. A culpa era um luxo que não podíamos pagar. Havia apenas isto: o reconhecimento. O horror de ver a si mesma no rosto da outra. Duas mulheres, sentadas no plástico cor de osso, esperando para saber se ainda seriam, ou não, mães. Apenas isso. Mães. E o silêncio, agora, não era mais pesado. Era oco. E dentro dele, nós duas cabíamos.

E foi ali que descobri, sem nome e sem verbo, a natureza das coisas. Descobri que a empatia não chega para expulsar os outros demônios da sala; ela é mais sutil, mais antiga. Ela coexiste. Ela se senta ao lado da culpa, que eu agora via, uma pedra densa no peito da outra mulher. Ela respira o mesmo ar rarefeito do medo que nos asfixiava. E escuta, com a cabeça inclinada, a nossa dor, a única música de fundo daquele lugar. O ódio, aquela brasa que eu sentia pelo ato, não se apagara, mas tornara-se distante, um sol negro em outra galáxia. Pois entre tudo isso, e apesar de tudo isso, estendia-se um fio. Um fio invisível e teimoso, que não ligava as nossas histórias, mas a matéria essencial de que éramos feitas. Uma artéria secreta que pulsa mais forte não na alegria, mas na partilha silenciosa do irreparável, provando que o que nos torna humanos não é a ausência de monstros, mas a frágil e terrível capacidade de reconhecer o nosso próprio reflexo no fundo dos olhos deles.





DESEJOS

Konstantinos Kavápis

Tradução de José Paulo Paes

Belos corpos de mortos que nunca envelheceram,
com lágrimas sepultos em mausoléus brilhantes,
jasmim nos pés, cabeça circundada de rosas –
assim são os desejos que um dia feneçaram
sem chegar a cumprir-se, sem conhecerem antes
o prazer de uma noite ou a manhã luminosa.